

**TORNAR-SE PAI: A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA DA PATERNIDADE NO SEXTO  
MÊS E AO FINAL DO SEGUNDO ANO DE VIDA DO BEBÊ**

**Evandro de Quadros Cherer**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de mestre em  
Psicologia sob orientação do Prof. Cesar Augusto Piccinini, PhD  
Supervisão Clínica: Dra. Andrea Gabriela Ferrari

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, março de 2014

*“Toute l'interrogation freudienne se résume à ceci:  
Qu'est-ce que c'est qu'être un père?”<sup>1</sup>*

Lacan (1957)

Le séminaire de Jacques Lacan, livre IV : La relation d'objet

---

<sup>1</sup> “Toda a interrogação freudiana se resume no seguinte: O que é ser um pai?”.

## AGRADECIMENTOS

Ao Brunno Kill, por seu incentivo desde o ensino médio, durante a graduação e, sobretudo, pelos últimos anos, nos quais sonhou comigo por este momento, assim como me auxiliou com suas preciosas contribuições a este trabalho. Também agradeço pela espera ao longo deste percurso, permeado de muitas viagens e expectativas.

Aos meus estimados amigos e colegas Fabiane, James, Marcela e Tiago, por tornarem esse processo muito mais interessante e agradável por meio de suas companhias nos almoços, jantares, festas, marchas, cinemas, teatros e em tantos outros momentos fundamentais para mim ao longo do mestrado.

À Francielli Galli, por me acolher quando precisei, sendo sempre muito querida e sensível.

À Joice Sonego, sempre tão divertida e amiga, com quem eu pude compartilhar ótimos momentos, além de trocar ideias e experiências sobre psicanálise.

Ao Janderson Rodrigues, por ter me acolhido inicialmente em Porto Alegre e por ter me incentivado ao estudo de Lacan.

Aos colegas do Núcleo de Infância e Família, em especial aos envolvidos com o projeto CRESCI, pelos muitos ensinamentos, incentivos e contribuições.

Ao meu orientador, professor Cesar Augusto Piccinini, por ter me orientado, ensinado e contribuído de diversas formas para a minha formação profissional.

À Andrea Ferrari, por ter aceitado supervisionar-me clinicamente, possibilitando, assim, meu desejo em desenvolver este trabalho. Obrigado por suas contribuições a este estudo e também pela ótima parceria acadêmica.

Às professoras Milena da Rosa Silva, Mônica Medeiros Kother Macedo e Rita de Cássia Sobreira Lopes, por aceitarem o convite de participação em minha banca examinadora, bem como pelas valiosas contribuições.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, fundamental para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	3
LISTA DE TABELAS .....	5
RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	8
Apresentação.....	8
Caracterizando a paternidade.....	8
Aspectos subjetivos da paternidade.....	11
Experiência subjetiva da paternidade .....	15
O pai e a experiência subjetiva da paternidade.....	22
O bebê e a experiência subjetiva da paternidade .....	23
A esposa e a experiência subjetiva da paternidade .....	27
As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade.....	29
Justificativa e objetivo do estudo .....	33
CAPÍTULO II - MÉTODO .....	35
Participantes.....	35
Delineamento e procedimentos.....	36
Instrumentos.....	37
Considerações éticas.....	38
Capítulo III - RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	39
Caso 1: Rodrigo.....	40
Experiência subjetiva da paternidade .....	41
O pai e a experiência subjetiva da paternidade .....	41
O bebê e a experiência subjetiva da paternidade.....	48
A esposa e a experiência subjetiva da paternidade.....	52
As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade .....	57
Discussão sobre a experiência subjetiva da paternidade no Caso 1 .....	62

Caso 2: Danilo.....	67
Experiência subjetiva da paternidade .....	67
O pai e a experiência subjetiva da paternidade .....	67
O bebê e a experiência subjetiva da paternidade.....	71
A esposa e a experiência subjetiva da paternidade.....	73
As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade .....	80
Discussão sobre a experiência subjetiva da paternidade no caso 2.....	80
Caso 3: Guilherme.....	89
Experiência subjetiva da paternidade .....	89
O pai e a experiência subjetiva da paternidade .....	89
O bebê e a experiência subjetiva da paternidade.....	93
A esposa e a experiência subjetiva da paternidade.....	96
As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade .....	100
Discussão sobre a experiência subjetiva da paternidade no Caso 3.....	104
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO GERAL.....	109
Considerações finais.....	114
REFERÊNCIAS .....	116
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado.....	125
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado .....	126
ANEXO C - Ficha de dados demográficos da família.....	127
ANEXO D - Entrevista sobre a gestação, parto e a paternidade .....	129
ANEXO E - Entrevista sobre a paternidade.....	132
ANEXO F - Parecer do Comitê de Ética UFRGS .....	135
ANEXO G - Parecer do Comitê de Ética HCPA.....	136

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados sócio-demográficos dos casos.....	35
---	----

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo investigar a experiência subjetiva da paternidade em dois momentos do desenvolvimento do bebê, no sexto mês e ao final do segundo ano de vida da criança. Participaram do estudo três pais primíparos (30, 36 e 45 anos), com ensino superior completo. Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo, de caráter longitudinal, sendo que os pais responderam a entrevistas estruturadas realizadas de forma semidirigida no sexto mês e ao final do segundo ano de vida de seus filhos. As entrevistas realizadas nesses momentos foram analisadas por meio da análise dos conteúdos manifestos e subjacentes com base na teoria psicanalítica, a partir de quatro categorias derivadas da literatura: *O pai e a experiência subjetiva da paternidade*, *O bebê e a experiência subjetiva da paternidade*, *A esposa e a experiência subjetiva da paternidade* e *As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade*. Os resultados indicaram que a paternidade levou a um complexo trabalho psíquico que reorganizou os posicionamentos subjetivos dos pais, enquanto homens, na relação com o filho, com a companheira e com as figuras parentais. Tornar-se pai esteve associado à inscrição subjetiva da finitude da existência e à castração, exigindo renúncias e lutos dos pais, processo que permitiu o bebê ser tomado como objeto de desejo paterno. Além disso, a experiência subjetiva da paternidade envolveu uma reconstituição psíquica, na medida em que resgatou elementos da história constitutiva de cada participante em relação com o novo contexto da paternidade.

Palavras-chave: experiência subjetiva; paternidade; psicanálise.

## ABSTRACT

This study aimed to investigate the subjective experience of fatherhood in two moments of the development of the baby, in the sixth month and the end of the second year of the child's life. Took part in this study three primiparous fathers (30, 36 and 45 years old), with higher education. A longitudinal multiple case study design was used. Data were collected at the sixth month and the end of the second year of their child's life. Each father answered a structured interview and their responses were grouped, after an analysis of manifest and underlying content based on psychoanalytic theory, into four categories derived from literature: *Himself as father and the subjective experience of fatherhood*, *His child and the subjective experience of fatherhood*, *His wife and the subjective experience of fatherhood* and *His parental figures and the subjective experience of fatherhood*. The results indicated that fatherhood has led to a complex psychological work that reorganized the subjective positions of fathers, as men, in relation with the child, with his wife and his parental figures. Becoming a father was associated with the subjective inscription of the finitude of existence and castration, demanding resignations and grief of fathers, a process that allowed the baby to be taken as the object of paternal desire. Moreover, the subjective experience of fatherhood involved a psychic reconstitution that rescued the constitutive elements from history of each participant in relation to the new context of fatherhood.

Keywords: subjective experience; fatherhood; psychoanalysis.



# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

### **Apresentação**

A paternidade, especialmente nos dois primeiros anos de vida da criança, foi tradicionalmente pouco valorizada nos âmbitos sociais e acadêmicos, sobretudo no que diz respeito aos aspectos subjetivos experienciados pelos homens. Concernente a isso, compreende-se que a paternidade não está circunscrita quando o homem tem um filho empiricamente, mas implica em um processo de remanejamento psíquico, reatualizando experiências infantis e convocando o homem a tornar-se pai a partir de sua própria história constitutiva. Considerando esses aspectos, o objetivo do presente estudo foi investigar a experiência subjetiva da paternidade em dois momentos do desenvolvimento do bebê, no sexto mês e ao final do segundo ano de vida da criança. Para tanto, inicialmente será feita uma caracterização da paternidade, destacando alguns aspectos sociais deste período. A seguir, serão apresentados aspectos subjetivos implicados na paternidade. Por fim, serão revisados estudos teóricos e empíricos sobre a experiência subjetiva da paternidade. Considerando a perspectiva teórica do autor desta dissertação, serão priorizados a seguir os autores psicanalistas, sem, todavia, desconsiderar outros autores que porventura possibilitem a compreensão das ideias desenvolvidas a seguir.

### **Caracterizando a paternidade**

A tradicional presença da mãe como cuidadora principal dos filhos contribuiu para a compreensão popular de que a relação pai-filho não era tão relevante quanto à relação mãe-filho para o desenvolvimento infantil (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000). Nesse cenário, conforme Parseval (1986), a sociedade ocidental desenvolveu um discurso acerca da concepção, nascimento e puericultura que possui como ênfase a gravidez, o parto, a amamentação e as relações mãe-bebê ao longo dos anos iniciais da criança. Com isso, esse período é colocado como quase que exclusivamente feminino, sendo que ao homem, o pai, resta muito pouco (Parseval, 1986). Esses discursos foram reforçados por teóricos do desenvolvimento humano durante a maior parte do século passado (Cabrera et al., 2000). De

fato, a psicologia possui uma longa história em ignorar os pais<sup>2</sup>, tendo considerado esses menos importantes do que as mães para o desenvolvimento infantil (Parke, 1996), bem como assumindo a mãe como a única cuidadora significativa (Atkinson, 1987). Considerando isso, Lebovici (1987) questionou se as pesquisas reproduziram, a nível epistemológico, uma tendência em ignorar a paternidade e a interferência provocada pelo pai na relação mãe-bebê. Entretanto, como esse mesmo autor salientou, o pai não se restringe em apenas operar a separação mãe-bebê, como destacado tradicionalmente pela psicanálise, mas suas contribuições são muito maiores. Desse modo, entende-se que o pai pode desempenhar uma influencia fundamental no desenvolvimento de seus filhos, seja diretamente na criança ou por sua influencia sobre a mãe, que por sua vez, influencia os filhos (Halle et al., 2008; Lamb, Pleck, Charnov & Levine, 1985; Parke, 1996).

No entanto, para Parseval (1986), a concepção ocidental acerca da paternidade se baseia em estereótipos que permanecem carregados ao longo dos anos iniciais de vida do bebê. Trata-se de imagens simplistas, usualmente ridículas e cômicas, entretanto extremamente sintomáticas. O pai é entendido como não sabendo cuidar do bebê, desajeitado e desprovido do famoso “instinto materno” outorgado às mães. A respeito disso, Brazelton e Cramer (1992) conjecturaram que o esquecimento da paternidade por tantos estudos pode expressar a tendência em excluir o pai da relação mãe-bebê. Para esses autores, é provável que haja uma fantasia universal de que o pai seja uma ameaça para a díade mãe-bebê. Essa fantasia pode inclusive ter influenciado os estudiosos sobre o tema, impedindo-os de perceber os fatores importantes e benignos da paternidade (Brazelton & Cramer, 1992).

Diante disso, compreende-se que existe um privilégio a respeito da importância da mãe, simultaneamente com o detrimento do pai (Parseval, 1986). O fato do pai paternar não implica que a mãe não materna, não é porque o pai possui uma experiência psíquica quanto à paternidade que a mãe também não o terá. Para Parseval (1986), trata-se, pois, não de substituir a hipérbole materna pela paterna, mas em ressaltar o que está oculto em tornar-se pai, ou seja, a parte do pai. Com efeito, essa parte que cabe ao pai, sobretudo no que concerne aos estudos que abarcam os aspectos subjetivos da paternidade, ou seja, acerca da experiência subjetiva da paternidade, são ainda muito restritos (Condon, Boyce, & Corkindale, 2004; Genesoni & Tallandini, 2009; Halle et al., 2008; Houzel, 2004). Com isso, o fenômeno da paternidade e suas repercussões na vida do homem têm ganhado maior interesse nas

---

<sup>2</sup> Ainda que em português o termo “pais” refira-se tanto ao pai quanto à mãe, no presente estudo, o termo será empregado apenas para se referir ao genitor masculino, enquanto os termos “pai(s) e mãe(s)” e “genitores” serão utilizados para se referir a ambos.

pesquisas, que procuram investigar a transição do homem para a paternidade (Guzzo, 2011; MacAdam, Huuva, & Berterö, 2011; Parke, 1996).

A respeito da paternidade, compreende-se que essa afeta toda a vida do homem (Eggebeen & Knoester, 2001; Fägerskiöld, 2008; MacAdam et al., 2011). Os homens que são pais diferem daqueles que não são em suas relações familiares e sociais, bem como no âmbito profissional (Eggebeen & Knoester, 2001). No entanto, como dito anteriormente, tradicionalmente o pai foi mantido distante dos cuidados com o bebê, assim como da matriz de apoio materna, sendo que essas tarefas eram consideradas assunto de cunho feminino (Stern, 1997). Conforme Freud (1930/2012), as tarefas culturais impostas tradicionalmente ao homem chegaram a afastá-lo de seus afazeres de marido e de pai. Assim, o pai tradicional foi entendido como não interessado pelos bebês, brincando com seus filhos apenas quando esses começavam a falar (Lebovici, 1987).

Contudo, atualmente os valores associados à paternidade têm mudado, e tem se percebido um aumento na vontade de muitos pais por um maior envolvimento na vida familiar. Há inclusive forte expectativa por muitos grupos sociais de que os pais sejam envolvidos no cuidado dos filhos pequenos, bem como deem suporte emocional para sua família (Hart & Kelley, 2006). Além disso, as famílias modernas raramente se utilizam do apoio prestado pela família estendida, sendo que os pais tendem cada vez mais a participar na divisão das atividades familiares cotidianas (Brazelton & Cramer, 1992; Genesoni & Tallandini, 2009). Nesse escopo, devido ao relativo desaparecimento da família extensiva, especialmente nas sociedades mais desenvolvidas, existe uma maior pressão sobre o pai para proporcionar a necessária matriz de apoio à mãe. O pai contemporâneo tem procurado assumir o vazio deixado pelas alterações histórico-sociais, evidenciando sua importância nas responsabilidades assumidas (Stern, 1997).

Assim, com a aproximação do final do século XX, mudanças sociais trouxeram alterações nas concepções populares, bem como na acadêmica, sobre os pais, mães e famílias. Essas concepções estão relacionadas com quatro tendências que têm ocorrido na sociedade ocidental, a saber, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, a ausência masculina em muitas famílias, a ampliação do envolvimento de pais com seus filhos, assim como o aumento da diversidade cultural (Cabrera et al., 2000). Contemporaneamente tanto homens como mulheres podem estar cotidianamente envolvidos com a vida profissional, podendo o homem não ser mais o único provedor. Esses fatos têm afetado o modo como os homens têm vivido inclusive no tocante à paternidade (Crepaldi, Andrean, Hammes, Ristof & Abreu, 2006; Dallos & Noke, 2011). Nesse sentido, a crescente inserção de mães de crianças pequenas no mercado de trabalho tem se destacado entre os fatores que têm repercutido de

modo a alterar a paternidade (Steinberga, Kruckmanc & Steinberga, 2000), além de impulsionar o aumento de pesquisas sobre o cuidado infantil efetuado por pais (Fagan, 1994).

Desse modo, nas últimas décadas, e provavelmente nos próximos anos, devido a mudanças econômicas, tecnológicas e ideológicas, o que é ser pai continuará a ser redefinido, não existindo apenas um referencial paterno. Com isso, ainda que o pai tradicional também possa existir e comumente não seja muito envolvido no cuidado com seus filhos, muitos pais podem ser ativamente participantes, enquanto outros podem até criar seus filhos sozinhos (Eggebeen & Knoester, 2001; Parke, 1996). De fato, o referencial do pai provedor tem sucumbido com as mudanças econômicas e sociais, trazendo alterações nas concepções populares no que diz respeito à paternidade, ainda que estereótipos de referenciais antigos possam permanecer (Gregory & Milner, 2011). Entretanto, cabe ressaltar que essas alterações sociais ocorrem, sobretudo, nas sociedades mais desenvolvidas e em especial nos grupos com maiores níveis de escolaridade (Guzzo, 2011; Thomas, Bonér e Hildingsson, 2011).

Acerca dessas mudanças sociais e de suas implicações na paternidade, Hurstel (1999) problematizou a concepção de que existiriam novos referenciais paternos. Para a autora, a grande valorização do pai que compartilha com sua esposa as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos trata-se, em verdade, de uma imagem do pai espelho-da-mãe. Desse modo, diante da instabilidade dos referenciais paternos, a maternidade, muitas vezes, pode se tornar o modelo adotado. Entretanto, isso não configura um novo referencial paterno, visto que o que é ser um pai ainda permanece sem respostas. Corroborando, Raphael-Leff (1997) afirmou que muitos pais estão comprometendo-se em atividades tradicionalmente entendidas como maternas a fim de ocuparem sua posição parental, o que antigamente era garantido pelo nome concedido ao filho. Com isso, compreende-se a especificidade da paternidade na contemporaneidade, em particular no que diz respeito aos aspectos subjetivos implicados no processo de tornar-se pai.

### **Aspectos subjetivos da paternidade**

Considerando-se o que foi exposto anteriormente, é sobre os aspectos subjetivos de ser pai, muitas vezes negligenciados na literatura, de que se trata o presente estudo. Por essa razão, a seguir, serão discutidos alguns aspectos subjetivos da paternidade. No que concerne a isso, inicialmente pretende-se elucidar a expressão pai empregada no presente estudo, visto que em psicanálise essa palavra foi, sobretudo, associada a aspectos simbólicos. Segundo Freud (1923/1990a), os efeitos das primeiras identificações são gerais e duradouras, sendo a identificação com o pai a primeira e de maior relevância na pré-história pessoal. Acerca disso, conforme Freud (1921/1990), uma exteriorização da ligação afetiva entre duas pessoas

acontece na identificação do menino com seu pai. Ainda que futuramente essa identificação não seja facilmente percebida, precocemente o menino demonstra um especial interesse por seu pai. Para Freud (1921/1990), a criança quer crescer e ser como o pai, isto é, toma esse como seu ideal. Ao mesmo tempo em que essa identificação acontece, e talvez antes mesmo, o menino passa a investir objetivamente na mãe. Assim, segundo Freud (1940/1990), o seio materno é o primeiro objeto de uma criança, ainda que em um primeiro momento o bebê não diferencie seu corpo do seio. De fato, inicialmente, o bebê não faz distinção entre o seu eu e o mundo exterior, sendo essa separação realizada gradualmente a partir dos estímulos que lhe sobrevém (Freud, 1930/2012). Quando a criança passa a significar o pai como obstáculo à mãe, a identificação do menino com o pai adquire um caráter hostil (Freud, 1921/1990). A mãe, por sua vez, ameaçaria o filho com a castração, conferindo ao pai a execução da ameaça, tornando essa mais crível e assustadora (Freud, 1940/1990). Assim, mediado pela mãe, o pai passa a ser um juiz cujo nome é invocado para ameaçar o filho (Aberastury & Salas, 1984), configurando-se, pois, aquilo que é considerado pela psicanálise como o modelo explicativo do desenvolvimento sexual humano, isto é, o Complexo de Édipo (Blos, 1991).

A respeito disso, Laplanche e Pontalis (2001) caracterizaram um complexo como sendo um conjunto organizado de representações, bem como de recordações, total ou parcialmente inconscientes e de grande intensidade afetiva que se formam por meio das relações interpessoais da história infantil. Especificamente, conforme esses autores, o Complexo de Édipo corresponde a um complexo relativo aos desejos hostis e amorosos que a criança sente em relação às suas figuras parentais.

Lacan (1958/1999), por sua vez, ampliou o conceito de Complexo de Édipo, situando-o em três tempos. No primeiro tempo a criança se pergunta o que quer dizer a presença e ausência materna, se a mãe tem desejo de outra coisa para-além, ou seja, além de satisfazer o desejo da própria criança. Com isso, a criança deseja o desejo da mãe, identificando-se com aquilo que é objeto de desejo materno, isto é, o falo, objeto que introduz a falta. A questão para a criança transitaria entre ser ou não ser o objeto de desejo da mãe. No segundo momento, o pai intervém como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Nesse sentido, quem é castrado não é a criança, mas a mãe. Por fim, o terceiro tempo caracteriza-se pela intervenção do pai como aquele que pode dar à mãe o que ela deseja. O pai é o possuidor do falo, levando a criança a identificar-se com ele, numa promessa de ser como o pai e posteriormente também ter o objeto de desejo da mãe.

Nesse contexto, ser pai, para Lacan (1981/2010), está num registro para além de copular com uma mulher e tornar-se genitor. O pai é aquele que possui de direito a mãe, desempenhando uma função central no Complexo de Édipo. Com isso, cabe distinguir

brevemente as construções lacanianas acerca do pai imaginário, simbólico e real. O pai imaginário, como o próprio nome pode supor, é o pai da imaginação infantil, aquele criado pela própria criança de forma idealizada, estando associado aos processos de identificação (Lacan, 1957/1995). Por sua vez, a questão do pai real é problematizada por Rassial (2004), o qual afirmou haver uma descontinuidade quanto ao valor conceitual e operatório desses significantes na obra lacianiana. Nesse sentido, o pai real seria uma expressão ambígua, na qual é evocado simultaneamente o pai empírico da realidade, bem como a dimensão real do pai, sendo o real tomado como aquilo que escapa a simbolização (Lacan, 1981/2010). Desse modo, De Neuter (2001) alertou que embora Lacan utilizasse essa expressão de modo ambíguo, deve-se evitar empregar pai real para referir-se ao pai concreto, impedindo, assim, confusões. Por fim, o pai simbólico é uma construção conceitual simbólica articulada à função paterna no Complexo de Édipo explicado anteriormente. Portanto, o pai simbólico é um nome, isto é, o significante Nome-do-Pai que substitui o significante Desejo Materno (Lacan, 1957/1995). Desse modo, Dor (2011) esclareceu que o termo pai se articula tipicamente no campo conceitual da psicanálise como um operador simbólico a-histórico. Assim, os homens que empiricamente são pais poderiam ser no máximo os representantes da função simbólica paterna, sendo que, a rigor, nenhum pai empírico é detentor dessa função. Com efeito, por meio das formulações lacanianas, pode-se entender definitivamente que o pai de que se trata tipicamente em psicanálise não é o pai empírico. Portanto, para Lacan (1958/1999), o Complexo de Édipo pode constituir-se muito bem ainda que o pai empírico não esteja presente. Quanto a esse, conforme Lacan (1958/1999), ele pode ser fraco, submisso, enfermo, ou seja, pode se apresentar em diversas formas, no entanto, não é disso que se trata, a rigor, o Complexo de Édipo, sendo esse correspondente aos três registros do pai percorridos anteriormente.

Nesse sentido, Hurstel (1999) argumentou que as teorizações lacanianas permitiram o desenvolvimento da distinção entre o pai empírico e a função paterna. Corroborando, Aberastury e Salas (1984) afirmaram que as colocações do pai em psicanálise não se referem a pessoas, mas a funções, já que a mãe pode inclusive desempenhar a função paterna e por sua vez, o pai, a função materna. Nessa mesma perspectiva, De Neuter (2001) afirmou que os pais da realidade se restringiriam a poder encarnar essas dimensões paternas, tendo citado como exemplo o famoso caso do pequeno Hans, no qual seu pai obteve dificuldades em endossar esses registros, fato que conduziu seu filho a uma fobia.

Apesar de envolver outros pressupostos epistemológicos, não se pode deixar de considerar a perspectiva winnicottiana acerca do pai. Winnicott (1945/1982) afirmou que as crianças constituem parte de seus ideais baseando-se em características atribuídas ao pai. No

entanto, ainda que esse autor não tenha desenvolvido uma explicitação pormenorizada acerca do pai em sua obra, esse teve seu papel relacionado às etapas do amadurecimento do bebê. Para Winnicott (1968/2006), o bebê é um ser imaturo que tem potencial inato de amadurecimento. Assim, inicialmente o bebê possui uma dependência absoluta em relação ao ambiente, posteriormente desenvolvendo uma dependência relativa, prosseguindo em constante movimento em direção à independência. Com isso, o bebê necessita de um ambiente para se desenvolver, sendo esse essencialmente baseado nos cuidados maternos (Winnicott, 1964/2006). No entanto, a dependência não implicaria em identificação, sendo que essa se trata de um fenômeno demasiadamente complexo para se situar nos primeiros estágios de vida do bebê (Winnicott, 1956/2000).

Diante do desamparo do bebê e de sua dependência absoluta, a mãe, tradicionalmente considerada a cuidadora principal, passa a necessitar essencialmente do apoio paterno (Winnicott, 1945/1982). Sendo assim, é usualmente como prestando apoio à mãe ou como mãe-substituta que a figura paterna pode ser compreendida na teoria winnicottiana. Apesar desse autor retratar o pai conforme o modelo tradicional de sua época, em outro trabalho, Winnicott (1968/2006) ao mencionar a mãe, esclarece em nota de rodapé que quando ele se refere à mãe, não está excluindo o pai, pois nos estágios iniciais do bebê é o aspecto materno do pai que é relevante.

Desse modo, na teoria winnicottiana o pai inicialmente é parte do ambiente, bem como sustentador desse ambiente, enquanto que apenas posteriormente o pai aparecerá propriamente como uma terceira pessoa para o bebê (Rosa, 2009). Nesse escopo, é por isso que em outro trabalho Winnicott (1964/2006) espera a compreensão paterna ao utilizar a expressão “mãe” mais frequentemente que “pai”. Assim, gradativamente certas características maternas, que não necessariamente pertencem à mãe, vão constituindo o pai como um terceiro para o bebê. O pai passa a participar da vida do bebê como pai quando assume sentimentos que a criança nutria a respeito de certas qualidades mais rígidas da mãe (Winnicott, 1945/1982). Essas alterações são ocasionadas a partir da relação mãe-bebê e não conforme a dissolução dessa, uma vez que o próprio pai é o sustentador dessa relação e não o seu interditor. Nesse sentido, como em Freud, é possível conjecturar que na teoria winnicottiana entre os motivos que possibilitam a percepção do pai como um terceiro está a descoberta infantil da diferença entre os sexos, conduzindo a criança para a discriminação entre a mãe e o pai (Rosa, 2009).

Considerando-se esses esclarecimentos, destaca-se que é concernente ao pai empírico da realidade, o qual pode encarnar essas diversas facetas dos pais articuladas pela psicanálise, de que se trata o presente estudo. Sendo assim, é nesse registro que se situou a investigação do

presente estudo, isto é, acerca dos aspectos subjetivos experienciados por homens ao se tornarem pais empiricamente.

### **Experiência subjetiva da paternidade**

Desde meados dos anos 80, conforme Houzel (2004), as funções e os papéis parentais estão organizados sob a designação de parentalidade. A respeito disso, Houzel (2004) propôs três distintos eixos da parentalidade em torno dos quais articulou o conjunto das funções adquiridas pelo pai e também pela mãe, a saber, exercício, experiência e prática da parentalidade.

O exercício da parentalidade pode ser compreendido no sentido jurídico, pertinente à atuação de um direito, definindo um campo que transcende ao sujeito, ao seu comportamento e à sua subjetividade. Esse eixo organiza a parentalidade, localizando cada sujeito nos seus laços de parentesco, assim como os direitos e deveres relacionados a esses. Nas sociedades de direito legislado são os fatores jurídicos do parentesco e da filiação que determinam o exercício da parentalidade. Esse exercício relaciona-se aos interditos que organizam o funcionamento psíquico do ser humano, sobretudo ao tabu do incesto, acarretando repercussões no desenvolvimento psíquico da criança a partir da situação em que a parentalidade é exercida. Segundo Houzel (2004), esse eixo está em total transformação devido às alterações nos costumes e nos distintos modos de constituição da parentalidade ocasionados pelos métodos de reprodução assistida, ampliação do número de famílias monoparentais e homoparentais.

Por sua vez, a experiência da parentalidade refere-se aos aspectos subjetivos conscientes e inconscientes do processo de vir a ser pai ou mãe e de ocupar papéis parentais, abrangendo diversos fatores, destacando-se entre esses o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade, também chamado por Houzel (2004) de parentificação. Por fim, a prática da parentalidade se refere às atividades que os pais precisam executar cotidianamente com o filho, sendo, portanto, o domínio dos cuidados parentais. Esses cuidados não se restringem somente aos cuidados físicos, mas, de modo semelhante, aos cuidados psíquicos, abarcando as interações comportamentais, afetivas, fantasmáticas e simbólicas. A proposta de Houzel (2004) sobre os eixos da parentalidade se constitui em uma importante contribuição sobre as dimensões do conceito de paternidade. Desse modo, no presente trabalho considerou-se a dimensão da experiência da paternidade proposta de Houzel (2004), a qual serviu como ponto norteador. Contudo, este estudo não se deteve a essa proposta, mas ampliou-a, considerando-se outros estudos a fim de se investigar o que neste



estudo foi intitulado de experiência subjetiva da paternidade, e, por essa razão, este eixo será mais discutido a seguir nos seus aspectos teóricos e com base em evidências da literatura.

Nessa perspectiva, compreende-se que para ser pai não é suficiente ser genitor ou ainda ser designado como tal, havendo a necessidade de tornar-se pai, sendo que o estatuto de filho apenas pode ser conferido a partir da subjetividade paterna. Esse processo acontece por meio de uma complexa transição para a parentalidade, implicado em níveis conscientes e inconscientes do funcionamento mental (Houzel, 2004). Com isso, para Houzel (2004), a experiência da paternidade abrange diversos aspectos, destacando-se entre esses o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade. A respeito disso, compreende-se que na atualidade a parentalidade nem sempre é a principal finalidade da estrutura familiar, sendo que tornar-se pai depende especialmente de uma lógica do desejo e da história de cada sujeito (Zornig, 2010).

Desse modo, no tocante ao desejo, conforme Freud (1900/1990), as excitações pulsionais estariam associadas à primeira experiência de satisfação. Essa deixaria uma imagem mnêmica registrada que guiaria a moção psíquica a fim de ser revivida a satisfação primordial, sendo esse movimento intitulado de desejo. Com isso, o desejo seria a busca da primeira experiência de satisfação por caminhos que possuíssem traços mnêmicos que se associariam ao objeto perdido. Nesse cenário, Freud (1915/2004) ressaltou que o objeto da pulsão é o que há de mais variável. De fato, conforme Lacan (1985/2008), a não relevância de qual seja o objeto demarca a impossibilidade de que qualquer objeto satisfaça a pulsão. O desejo sempre é desejo daquilo que falta, do objeto perdido primordialmente, que na concepção freudiana apresenta-se sempre por ser reencontrado (Lacan, 1957/1995), ao ponto de que toda apreensão humana da realidade está condicionada à busca pelo sujeito do objeto de seu desejo, ainda que nada leve a ele (Lacan, 1981/2010). Nesse sentido, na perspectiva freudiana, o desejo é uma tentativa de reedição de uma primeira experiência de satisfação por meio de um objeto perdido após essa experiência primordial. Com isso, a satisfação do desejo está previamente condicionada ao fracasso. Concernente a essa lógica, entende-se que o desejo de filho, em psicanálise, não está circunscrito ao biológico, mas trata-se essencialmente de desejo inconsciente. O objeto primordial perdido, que se busca reencontrar, é substituído por outros parciais e, como se pode supor, o filho pode ser tomado nesse lugar. Com efeito, essa moção psíquica que visa ao objeto primordial nunca se satisfaz, mas pode se realizar em diferentes desejos, entre esses o desejo de filho.

Além disso, compreende-se que na perspectiva freudiana tradicional (Freud, 1923/1990b; 1924/1990; 1925/1990; 1931/1990) o menino sairia do Complexo de Édipo devido à ameaça de castração, enquanto que a menina entraria ao deparar-se com a diferença

sexual, sendo a maternidade uma saída encontrada por essa, posto a falta anatômica do pênis na mulher. O desejo de ter o que lhe falta, isto é, o pênis, seria substituído pelo desejo de ter um filho. Por sua vez, a respeito do homem, Freud (1910/1990) concebeu que a paternidade relacionava-se com o desejo masculino de retribuir a vida obtida por meio da mãe. O homem desejaria fazer e dar um filho à mãe, expressando sua gratidão ao querer ter um filho igual a si, o que se daria por meio da identificação com o pai. Desse modo, a mulher com quem o homem tem o filho se associaria à sua própria mãe, levando o homem a ocupar o lugar daquele que concede o filho à mulher (Freud, 1910/1990).

No entanto, cabe ressaltar o engodo imaginário que pode ser suscitado em igualar-se pênis a falo. Desde uma perspectiva freudo-laciana pode-se elucidar que o pênis é o suporte imaginário do que falta à mãe (Lacan, 1981/2010; 1978/2010). Efetivamente, compreende-se que a partir do momento que empregou o significante falo para nomear o objeto do desejo da mãe, Freud (1923/1990b) realizou um descolamento do biológico. Por mais que nos escritos freudianos o significante pênis apareça por diversas vezes, Freud (1923/1990b) afirmou que não haveria um primado genital, mas um primado do falo, objeto, a rigor, simbólico. Exclusivamente por meio do registo simbólico que se pode compreender o legítimo estatuto da equação proposta por Freud (1923/1990b; 1924/1990), na qual o filho surge como uma possibilidade de ser o falo, isto é, aquilo que falta.

Nessa perspectiva, o filho pode tornar-se o substituto daquilo que falta ao sujeito, respondendo a um desejo fálico. Desvinculando-se do anatômico e do biológico, compreende-se que não importa se o sujeito possui o pênis ou não, já que esse apenas imaginariamente é o falo. Com isso, o desejo de um filho é compreendido como uma reivindicação fálica, uma vez que se articula com a castração. Assim, pode-se supor que o desejo de ter um filho como substituto do falo pode ser presente também nos homens, desde um posicionamento feminino. Esse desejo também pode estar na posição masculina, a saber, fornecer a outrem aquilo que lhe falta, ou seja, dar a uma mulher um filho. Corroborando, Leclair (1977) afirmou que a criança normalmente ocupa o estatuto daquilo que falta aos seus genitores, tendo enfatizado que as posições masculina e feminina são radicalmente dissociadas do anatômico e biológico, sendo efetivamente posições discursivas.

Assim, ser pai ou ser mãe relaciona-se a um desejo, o qual pode surgir precocemente tanto nas mulheres como nos homens (Lebovici, 1987). Conforme Freud (1914/2004), o desejo de ter filhos abarca um desejo maior, isto é, o desejo de imortalidade do eu, sendo que para Freud (1900/1990) os filhos representam o único acesso à imortalidade. Acerca disso, Fraiberg, Adelson e Shapiro (1994) destacaram que é por meio do processo de ter um filho que a maioria dos homens procuram alterar e amenizar seus próprios sofrimentos. Por sua

vez, Houzel (2004) compreendeu que o desejo pela criança desvincula-se do ato sexual, pois atualmente há diversas técnicas de controle de natalidade. Para esse autor, o desejo pela criança está relacionado com a maturidade psíquica dos genitores, a qual implicaria na transmissão da vida recebida.

Nesse contexto, alguns homens que se tornam pais nunca chegaram a conscientemente desejar um filho, enquanto que para outros ser pai faz parte de um plano de vida (Parke, 1996). No entanto, conforme Szejer (2002), a parentalidade sempre implica um desejo. No que concerne a esse desejo, pode-se compreender que a criança é a decorrência de duas histórias, do encontro de dois desejos, isto é, do desejo materno e paterno, que por sua vez, possibilitam o surgimento de um terceiro desejo, a saber, o da criança. De fato, para Szejer (2002) a criança é a encarnação do desejo de seus genitores, sendo que o desejo do pai pela mãe, assim como da mãe pelo pai, propicia um terceiro desejo, que é encarnado na própria criança. Esses desejos, ainda que possam pertencer ao registro inconsciente, podem se manifestar, possibilitando a concepção por meio do encontro do desejo materno e paterno (Szejer, 2002).

Já para Brazelton e Cramer (1992), o desejo masculino de ter um filho é fundamentado no desejo de igualar-se à mãe. A respeito disso, de acordo com Freud (1923/1990b), as crianças abordam o problema sobre a gênese e o nascimento dos filhos precocemente. Para a criança, o bebê seria gerado nos intestinos e, como consequência, nasceria pelo ânus. Somente num segundo momento se descobriria que apenas as mulheres podem dar à luz a um bebê. Nesse sentido, conforme Brazelton e Cramer (1992), a maior tarefa do homem no processo de transição para a paternidade é a de abdicar de seu desejo de ser idêntico à sua mãe, bem como a de possuir com os filhos o mesmo tipo de relação que essa possuía. Todavia, alguns homens não conseguem parar de invejar as potencialidades criativas femininas, não admitindo serem excluídos deste processo. Ainda, para esses autores, também há o desejo masculino de que a criança reproduza sua própria imagem, motivo esse que faz os pais usualmente preferirem filhos homens. Por sua vez, a conflitiva edípica também influencia o desejo pela criança, pois o pai encontra a possibilidade de igualar-se ao seu próprio pai, sendo a criação de um filho a oportunidade de superá-lo.

Nessa mesma direção, segundo Lebovici (1987), o desejo pela criança também se associa aos efeitos da paternidade sobre a vida fantasiosa e suas modalidades edípicas, baseadas na identificação com o avô paterno, revelando a importância do reaparecimento de conflitos edípicos com o nascimento do bebê. Já para Bydlowski (2000a), o desejo masculino de ter um filho se constitui comumente quando o homem toma emprestado o desejo da mulher. Com isso, a paternidade, em alguma medida, sempre estaria associada a um

sentimento de surpresa, ainda que explicitamente o pai expresse ter desejado o filho, na medida em que esse desejo não pode ser reconhecido enquanto seu. Para essa autora, o homem pode se esquivar da paternidade, procurando em interesses e investimentos pessoais ou sociais os ganhos que uma criança não poderia lhe fornecer.

No tocante ao processo de parentificação, componente indicado por Houzel (2004) como essencial na experiência da parentalidade, Condon et al. (2004) afirmaram que esse percurso caracteriza-se por ser o maior evento da vida de um ser humano, afetando todos os aspectos do seu funcionamento mental. Esse processo tem sido cada vez mais conhecido, em especial na perspectiva materna, enquanto as mudanças psíquicas ocorridas no pai durante esse período ainda foram pouco investigadas (Condon et al., 2004; Genesoni & Tallandini, 2009; Halle et al., 2008; Houzel, 2004). As modificações psíquicas envolvendo as mães que ocorrem durante a gravidez e pós-parto já foram destacadas por vários autores e foram lembradas por Houzel (2004), em particular as relacionadas ao conceito de “transparência psíquica” (Bydlowski, 2001), “constelação da maternidade” (Stern, 1997) e “preocupação materna primária” (Winnicott, 1956/2000). Embora primariamente associados à compreensão da maternidade esses conceitos têm sido usados por alguns autores ao se referir também à paternidade.

Por exemplo, Bydlowski (2001) afirmou que durante a gravidez as mulheres passam por um abalo no equilíbrio psíquico chamado “transparência psíquica”. Esse fenômeno é uma modificação natural da vida psíquica da gestante, na qual ocorre uma maior permeabilidade que facilita a manifestação de conteúdos inconscientes em decorrência do enfraquecimento da ação do recalque (Bydlowski, 2001). Para Moro (2005), a transparência psíquica, ainda que menos reconhecida, ocorre também com os pais. Esses passam por diversos conflitos relativos à sua posição de filhos, bem como na transição de ser filho para tornar-se pai.

Por sua vez, Stern (1997) chamou de “constelação da maternidade” o período que inicia após o nascimento do bebê e pode se estender por anos, no qual a mãe desenvolve uma nova organização psíquica onde suas preocupações se direcionam, sobretudo para o bebê. Esse autor indagou a possibilidade de homens também vivenciarem uma nova constelação psíquica com o nascimento de um bebê e poderem elaborar uma constelação da paternidade diante de condições favoráveis, ainda que raramente o façam.

Por sua vez, Winnicott (1956/2000) propôs o conceito de “preocupação materna primária” como um estado psicológico no qual a mãe passa por uma sensibilidade exacerbada que tem início na gestação, sendo proeminente no seu final, estendendo-se até as semanas ou meses iniciais após o nascimento do bebê. A mãe nesse estado passa a preocupar-se com o bebê a ponto de abandonar quaisquer outros interesses de modo natural e temporário. Esse

estado chegaria a ser visto como patológico caso ocorresse fora desse contexto. Para Parseval (1986), o conceito de preocupação materna primária possui sua vertente análoga nos pais, sendo chamado de preocupação paterna primária. Nesse estado, os pais estariam numa espécie de fascinação e atração irresistível ao bebê. No entanto, conforme essa autora, Winnicott sequer pensou que o pai poderia assumir um bebê desse modo, sendo isso algo exclusivo da mãe, em especial de uma mãe suficientemente boa.

Para além desses conceitos clássicos, destacados por Houzel, outros conceitos também poderiam ser acrescentados, os quais podem ser úteis para a compreensão da paternidade. Por exemplo, semelhantemente ao estado de preocupação paterna primária existe o conceito de *engrossment* proposto por Greenberg e Morris (1974). Conforme esses autores, o termo *engrossment* significa mais do que o simples envolvimento do pai, tratando-se de um potencial inato e elementar que conduz o pai a um senso de absorção, preocupação e interesse por seu bebê. Esse fenômeno é despertado pelo contato inicial com o recém-nascido nos três primeiros dias após o nascimento, podendo inclusive ocorrer desde a gestação. Quando o pai está nesse estado, o bebê possui grande importância para ele, sendo que a atração pelo bebê pode ser muito poderosa e aparentar ser algo incontrolável. De fato, os pais não teriam o controle pleno sobre esse fenômeno (Greenberg & Morris, 1974).

Considerando-se o que foi exposto anteriormente, Houzel (2004) afirmou que apenas iniciou-se a investigação das modificações psíquicas ocorridas nos pais ao longo da transição para a parentalidade. Para esse autor, é inegável que elas existam, ainda que possam ser menos evidentes do que aquelas encontradas nas mães. Com efeito, os distúrbios psicopatológicos que acometem os homens na transição para a paternidade são exemplos dessas alterações psíquicas (Houzel, 2004). A respeito disso, a transição para a paternidade pode ser entendida como o período mais estressante da vida de um homem (Halle et al., 2008). Conforme Dallos e Noke (2011), tem-se apresentado certo reconhecimento das dificuldades que os pais podem enfrentar, ainda que somente recentemente os pesquisadores começaram a examinar se os pais podem especificamente experienciar sofrimento psíquico com o nascimento de um bebê. Entre essas alterações psíquicas está a síndrome de *couvade*, também chamada de resguardo. Essa se caracteriza por fenômenos psicossomáticos associados à paternidade (Brazelton & Cramer, 1992; Lebovici, 1987; Parke, 1996; Parseval, 1986). Corroborando essas ideias, o estudo brasileiro realizado por De Martini, Piccinini e Gonçalves (2010) entrevistou 30 casais primíparos sobre a presença de indicadores da síndrome de *couvade* referidos pelos pais e pelas próprias gestantes. Os resultados revelaram que os relatos dos participantes indicaram a presença de sintomas físicos e emocionais nos pais durante a gestação das esposas, o que por sua vez pode sugerir a presença da síndrome de

*couvade*. Os autores pontuam que em diversos casos, o modo como os sintomas paternos foram contados indicam um intenso envolvimento emocional, assim como mobilização física envolvendo a gestação da companheira.

Ainda sobre o processo de parentificação, compreende-se que no processo de tornar-se pai há um intenso remanejamento psíquico, sobretudo na primeira experiência da paternidade, a qual possui especificações que a diferencia das paternidades subsequentes (Parseval, 1986). Desse modo, tornar-se pai não é um evento único, mas um processo gradual de ocupar esse novo papel familiar (Parke, 1996). Para Palkovitz e Palm (2009), a transição que ocorre dentro da paternidade pode ser considerada como tendo um impacto mais importante para o pai, a criança e para toda a família, do que os aspectos iniciais da transição para a paternidade. Outros autores (MacAdam et al., 2011) concordaram que esse processo causa mudanças permanentes que conduzem a repercussões em todos os aspectos da vida de um homem. Nessa mesma direção, para Genesoni e Tallandini (2009), as mudanças psíquicas advindas com a paternidade pertencem essencialmente a três dimensões, a saber, mudanças na autoimagem, transformação da relação diádica em triádica, assim como modificações no ambiente social. Desse modo, conforme Parke (1996), uma das maiores transições da vida para o homem adulto é tornar-se pai. Essa transição pode ser difícil e estressante, mas pode também propiciar mudanças consideradas positivas para o desenvolvimento.

Nesse sentido, conforme Darchis (2000), tornar-se pai conduz o homem a uma verdadeira odisséia, a uma viagem psíquica que investiga a história familiar, reorganizando sua identidade e seu lugar nos níveis conjugal, familiar e transgeracional. Essa viagem inicia-se na gestação e possibilita a constituição de uma nova família, distinta de sua família de origem. Para essa autora, o processo que estrutura a psique do futuro pai durante a gravidez é chamado de “Complexo de Telêmaco”. Conforme a mitologia grega, Telêmaco sai em uma aventura para descobrir notícias acerca de seu pai, sendo dito a ele pela deusa Athena: “Parte à procura de teu pai, atravessa o mar... e quando tiveres terminado tua viagem, não será mais necessário entregar-se às coisas infantis, pois tu não terás mais idade” (Darchis, 2000). Por meio desse processo, Telêmaco representa o movimento regressivo efetuado por um pai em sua transição à paternidade, através do qual esse encontra suas raízes para se religar, possibilitando uma posterior separação.

Considerando-se os conteúdos discutidos anteriormente, compreende-se que a experiência subjetiva da paternidade trata-se de um fenômeno complexo que abarca diversos aspectos. Entretanto, de modo a viabilizar sua investigação, podem-se elencar eixos a partir da própria literatura que norteiem seu estudo. Com isso, a seguir, será discutida a experiência do pai consigo mesmo, com o bebê, com a esposa e com suas figuras parentais.

## **O pai e a experiência subjetiva da paternidade**

Entende-se que a experiência de tornar-se pai e as responsabilidades adquiridas com o nascimento de um filho implica em diversas mudanças na vida de um homem (Fägerskiöld, 2008). Ser pai pode mudar o modo que um homem pensa acerca de si mesmo, podendo ajudar a reavaliar valores e a estabelecer prioridades (Parke, 1996). Essas mudanças podem ser sentidas como uma grande reviravolta ou ainda como uma transição suave. Entre os fatores que afetam como o pai vivencia este momento estão a sua expectativa, preparação e propósito de vida, bem como as características comportamentais do bebê (Bradley, MacKenzie & Boath, 2004). Com isso, a paternidade pode ser experienciada diferentemente nos pais, dependendo do contexto social em que o pai vive e trabalha, bem como do relacionamento conjugal (Genesoni & Tallandini, 2009). Características como idade, nível educacional e papel ocupacional são fundamentais para se compreender a paternidade (Parke, 1996), sendo que homens que são pais pela primeira vez, bem como aqueles que possuem maiores níveis educacionais, podem ser mais interessados e preocupados com a paternidade (Thomas et al., 2011).

Comumente os novos pais sentem um crescente senso de autoestima, descrevendo-se como orgulhosos e mais maduros depois de terem visto o seu bebê pela primeira vez (Greenberg & Morris, 1974). Assim, frequentemente os pais experimentam o sentimento de um extraordinário crescimento, em especial com o nascimento do primeiro filho (Darchis, 2000), sentindo-se felizes, mas também com medos, dúvidas e angústias (Lamour & Letronnier, 2003). Para Lebovici (1987), o bebê parece provocar uma intensa liberação de energia psíquica no pai, acentuação do sentimento de autoestima, além de exaltação e prazer pelo fato de ter se tornado pai e ser capaz de produzir um bebê.

Os pais inclusive podem perceber a transição a paternidade como uma perda, experimentando sofrimento psíquico com as mudanças na vida de casal para uma vida voltada para o bebê (Dallos & Noke, 2011). Com isso, tornar-se pai usualmente implica em ter o bebê como prioridade, isto é, colocá-lo no centro das atenções, em detrimento de seus próprios interesses. Efetivamente, essa nova configuração pode ser vivida como frustrante por alguns pais (Premberg, Hellström & Berg, 2008). Nesse cenário, o acesso à condição de pai pode conduzir o homem a questionar-se sobre seus investimentos psíquicos, demandando dele encontrar um novo equilíbrio para sua vida pulsional (Chevalerias, 2005), podendo o sofrimento advindo desse remanejamento ser inclusive recalcado e denegado (Hurstel, 2006). Quanto a isso, conforme De Neuter (2001), embora a paternidade possa estar associada à assunção da virilidade e da realização de identificações com seu próprio pai, essa também pode ser experienciada como uma crise, aquilo que esse autor intitulou de mal-estar na

paternidade. Para esse autor, os reposicionamentos psíquicos exigidos de um homem ao tornar-se pai podem afetá-lo em diversos aspectos de sua vida. Nesse sentido, de acordo com Dallos & Noke (2011), os pais podem sentir-se ameaçados pelo sentimento de que passarão por grandes mudanças em suas vidas. Para esses autores, essas transformações podem inclusive relacionar-se com a sensação de que o modo como a vida estava estabelecida não serve mais, podendo ocasionar uma reação agressiva e hostil nos pais que insistem em compreender a si mesmos conforme os padrões antigos.

Ser pai também pode estar relacionado com maior ansiedade, stress e cansaço (Parke, 1996), uma vez que exige tempo significativo na criação dos filhos (Frieman & Berkeley, 2002), podendo inclusive implicar na falta de tempo para atividades pessoais (Bradley et al., 2004). Tornar-se pai pode aumentar também as horas de trabalho (Biggart & O'Brien, 2010), já que usualmente o dinheiro é uma das principais preocupações paternas (Parke, 1996). Com relação a isso, com a paternidade, o homem adquire uma nova responsabilidade econômica, desenvolvendo uma nova preocupação em ser adulto e responsável (Premberg et al., 2008). Os pais, devido às repercussões econômicas que a paternidade implica, podem ficar mais envolvidos com suas obrigações profissionais. Se essas novas demandas e responsabilidades forem bem administradas, a paternidade pode estar associada com o aumento de autoestima, caso contrário, pode perturbar e deprimir por revelar limitações e fraquezas (Parke, 1996). Além desses aspectos, atualmente com a maior tendência de participação paterna, os homens podem vivenciar o dilema entre privilegiar a paternidade ou a carreira profissional, enfrentando o problema que mulheres experimentaram por décadas (Frieman & Berkeley, 2002; Genesoni & Tallandini, 2009). Além disso, os pais podem ser críticos sobre sua participação no cotidiano das crianças, sendo que a definição de paternidade pelos pais pode ser marcada por um conflito entre a paternidade que eles esperavam ter e a que de fato possuem (Prado, Piovanotti & Vieira, 2007; Seabra, 2007; Silva & Piccinini, 2007).

### **O bebê e a experiência subjetiva da paternidade**

Os pais podem desenvolver um bom envolvimento emocional com seus filhos desde a gestação (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004), uma vez que não apenas a mãe engravida, mas o casal em conjunto (Parke, 1996). Ainda que o pai ocupe uma posição distinta da materna na gravidez, assim como se relaciona diferentemente com o bebê durante a gestação (Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer & Lopes, 2009), entende-se que a gravidez afeta toda a família (De Martini et al., 2010). Para o homem, esse período é considerado como um dos principais no que diz respeito à reorganização de sua identidade (Genesoni & Tallandini, 2009). Entretanto, com o



desenvolvimento da criança e, por consequência, menor dependência em relação à mãe, a maternidade e a paternidade tendem a ser mais igualitárias, aumentando a participação paterna na criação dos filhos (Shirani & Henwood, 2011). Com isso, as repercussões da paternidade podem variar com o desenvolvimento da criança (Eggebeen & Knoester, 2001), podendo ser influenciadas pelo desenvolvimento das capacidades e necessidades da criança (Palkovitz & Palm, 2009).

Pode-se também considerar que o bebê participa ativamente na relação pai-criança, assim como na construção da paternidade (Moro, 2005). Os filhos afetam o modo como o pai os trata, pois a relação pai-filho é um processo de mão-dupla, no qual a criança influencia seu pai, assim como o pai a influencia (Parke, 1996). Acerca disso, alguns pais veem o bebê como um elemento que foi adicionado à estrutura preexistente de suas vidas, enquanto para outros, o bebê pode trazer consigo uma nova estrutura de vida (Bradley et al., 2004).

Concernente a isso, o estudo de caso de Shirani e Henwood (2011) investigou a relação de dois homens ingleses, que eram pais pela primeira vez, com seus filhos e o quanto essa afetou a experiência da paternidade ao longo do tempo. Os pais tinham idades de 31 e 35 anos e foram entrevistados em três momentos, a saber, antes do parto, aos dois meses e aos oito anos de vida da criança. Os pais relataram que durante o período gestacional, bem como no segundo mês de vida da criança, se sentiram excluídos. Esse sentimento de exclusão foi atribuído primeiramente à gestação e posteriormente à extrema relação de dependência que a criança possuía com a mãe. No entanto, aos oito anos de vida da criança, o desejo paterno de maior envolvimento com o filho cedeu espaço para o desejo de maior autonomia do filho.

Além desses aspectos, entende-se que o conceito de parentalidade possibilita compreender que a relação do pai com o bebê se articula com a pré-história paterna, de modo que o estatuto conferido ao filho se constitui inclusive a partir da subjetividade do pai, influenciando o interjogo das interações pai-bebê (Iaconelli, 2007; Solis-Ponton, 2004). Efetivamente, como afirmou Rodolfo (1990), a questão do que é uma criança em psicanálise remete-se ao mito familiar, considerando-se a história da família e, com isso, não restringindo a criança a uma entidade psicofísica. Acerca disso, Rodolfo (1990) definiu mito familiar como sendo um arquivo em funcionamento antes do nascimento do bebê, do qual seriam extraídos significantes à revelia do *infans*, os quais possibilitariam a sua constituição subjetiva. Desse modo, a primeira grande tarefa do ser humano ao nascer é encontrar significantes que o representem e que permitam sua inscrição no simbólico. Com isso, é a partir do regime desejante da família que são atribuídos à criança significantes que a posicionam simbolicamente. Ademais, esse autor elucidou que o mito familiar não é um sistema

harmonioso e linear, tampouco possui uma direção unívoca, permitindo, desse modo, a subsistência de contradições.

Nesse sentido, cada filho é desejado e falado muito antes mesmo de ter sido gerado, constituindo seu lugar no mundo interno de seu pai (Vidigal & Tafuri, 2010). Para Parseval (1986), pode-se supor que ainda que o pai não leve o bebê no ventre, ele pode levá-lo subjetivamente dentro de si. Além disso, como discutido anteriormente, o desejo por um filho articula-se a lógica da castração, é porque algo falta que a parentalidade é engendrada. Com isso, pode-se compreender que o bebê testemunha a realidade do fracasso parental, isto é, o filho surge como possibilidade de realização dos ideais parentais (Lerude, 1998). Acerca disso, Leclair (1977) afirmou que o filho sempre se relaciona ao desejo de reaver alguma perda não resignada, sendo, portanto, a paternidade o suporte excelente e privilegiado de se tentar restaurar as limitações e renúncias impostas pela vida.

Para Freud (1914/2004), o amor parental pelo filho possibilita que seja atribuída à criança toda sorte de perfeição, bem como seja ocultado todos os seus defeitos, por conta do ressurgimento daquilo que ele descreveu como narcisismo. A respeito disso, segundo Lacan (1981/2010), antes do bebê voltar-se para objetos exteriores, existiria um período de autoerotismo primordial. No desenvolvimento psicosexual, o narcisismo sucede ao autoerotismo, permitindo que os investimentos pulsionais tomem o eu como objeto. No entanto, para Freud (1914/2004), as exigências da realidade impõem ao sujeito o abandono desse narcisismo primário, sendo por meio do filho que o narcisismo parental pode ressurgir. Nesse sentido, as atitudes parentais afetuosas com seus bebês são uma reprodução, bem como uma revivência do narcisismo infantil há muito tempo abdicado. Nesse cenário, o comvente amor parental, espera que o filho satisfaça os desejos e sonhos nunca alcançados por sua mãe e pai, sendo a criança uma possibilidade de realização dos ideais infantis abandonados por seus genitores. Esses tendem a dispensar o bebê das obrigações impostas pelas aquisições culturais que eles tiveram que acatar durante a vida. Ao filho é outorgado melhor sorte que os pais, não devendo ser submetido às mesmas restrições que esses tiveram que passar. Com efeito, o bebê torna-se o novo centro do mundo, aquilo que Freud (1914/2004) chamou de *“His Majesty the Baby”*.

Conforme Rodolfo (1990), com a chegada de uma criança comumente surge uma dimensão na qual essa é significada como podendo conseguir tudo o que seus genitores não conseguiram. O autor chamou esse fenômeno de falicização, ou seja, transferência de intenso narcisismo, cessão de libido narcisista, possibilitando uma alteração do destino narcísico parental. É apenas quando o bebê é falicizado que ele pode estruturar-se subjetivamente e tornar-se sujeito, visto que a falicização implica que o bebê é marcado pelo desejo parental.

Além disso, Rodulfo (1990) ressaltou que a falicização do bebê não se restringe às mães, sendo que os pais também realizam essa operação simbólica. Nesse cenário, o autor esclareceu que usualmente com o nascimento de um filho os pais podem passar por dificuldades, uma vez que a falicização demanda do homem desinvestir de si, especialmente concernente ao lugar de bebê maravilhoso e imortal que ocupava frente ao desejo de seus próprios pais. Conceder o estatuto fálico ao filho pode ser experienciado como uma perda, produzindo lutos, havendo, com isso, uma relação entre a inscrição subjetiva como pai e a morte. Semelhantemente, Penot (1991) discorreu ser necessário que tanto o pai como a mãe, ou seja, aqueles que ocupem esse lugar, possam olhar para a criança e investi-la libidinalmente (Freud, 1921/1990). Para essa autora, é apenas quando aquele que olha o bebê doa-se em sua falta que a criança pode ser falicizada, sendo situada nesse olhar como o objeto perdido.

Na mesma perspectiva, conforme Leclair (1977), a primeira morte que é imposta a todos é a da representação narcísica primária, isto é, a representação da criança maravilhosa, aquela que vem a fim de realizar os anseios e desejos daqueles que a conceberam. Para esse autor, a vida apenas é possível pela sucessiva morte dessa representação, a qual, no entanto, é impossível de se realizar totalmente na medida em que é uma representação inconsciente e, portanto, indelével. Com isso, cabe a cada sujeito a tarefa de matar e realizar o luto da criança maravilhosa que poderia ter sido, isto é, ver-se com a sua própria castração.

Ao encontro dessas ideias, Hurstel (1999) afirmou que um sujeito somente pode ocupar um lugar simbólico na cadeia intergeracional, sendo que ao tornar-se pai é necessário haver uma permutação simbólica. Apesar de permanecer filho de seu próprio pai, o novo pai precisa passar adiante o seu lugar, ocupando o lugar no qual sua mortalidade está inscrita, uma vez que passou a ser apenas um elo transitório, deixando de ser o fim da cadeia intergeracional. Com isso, a permutação simbólica impõe renúncias e um processo de luto ao pai (Hurstel, 1999).

Acerca disso, na medida em que a paternidade pode inclusive estar associada a perdas, o pai pode não envolver-se, ou procurar distanciar-se do que diz respeito à criança. Bydlowski (2000b) associou a isso o desejo paterno de conservar-se enquanto filho eternamente, assim como permanecer a criança maravilhosa de outrora. Para essa autora, apenas o homem ou a criança podem ocupar esse lugar, sobretudo diante da mulher. Além disso, a paternidade pode relacionar-se ao sofrimento e denegação na medida em que se associa a conteúdos recalçados. Entre esses estão aspectos femininos e homossexuais do homem que procuram ser recusados, mas, no entanto, são reativados ao fecundar sua esposa.

### **A esposa e a experiência subjetiva da paternidade**

A mulher desempenha um papel essencial no processo de transição do homem para a paternidade (Lamour & Letronnier, 2003), pois, em certa medida, pode controlar o acesso do pai ao bebê, facilitando ou dificultando a inserção paterna (Manfroi, Macarini & Vieira, 2011). Nesse contexto, o relacionamento conjugal é um aspecto relevante para relação do pai com o seu filho (Zornig, 2010). Nesse cenário, compreende-se que a vida de uma mulher é modificada de diversas formas quando ela tem um bebê (Winnicott, 1964/1982), especialmente devido ao estado de sensibilidade exacerbada que vivencia inicialmente (Winnicott, 1956/2000). Conforme Bydlowski (2001), com a gravidez a mulher passa a vivenciar um retraimento em relação ao mundo exterior, perdendo intensidade inclusive as relações afetivas, mesmo as passionais. Para essa autora, após o nascimento da criança, gradualmente a mulher passa a investir mais em sua vida conjugal e social. Porém a manutenção do retraimento pode contribuir para a separação conjugal. Com isso, a chegada de um bebê pode transformar a relação de um casal, especialmente no que diz respeito à frustração do homem em relação à sua mulher e, por conseguinte, na vida sexual (De Neuter, 2001). Todavia, para Darchis (2000), na maior parte do tempo inicial o pai procura proteger a sua esposa, tornando-se gradualmente pronto para acolher seu filho enquanto a mãe vai se separando da relação exclusiva com o bebê. Com isso, o pai passa a acompanhar mais as necessidades de autonomia de seu filho.

No que diz respeito à dialética existente na relação mãe-criança, Lacan (1957/1995) propôs que inicialmente a mãe é instituída pela função do apelo, situando-se numa relação de presença-ausência com o bebê. No entanto, quando a mãe passa a responder conforme seus próprios critérios, podendo recusar tudo aquilo que o *infans* necessita, ela torna-se real para esse, sendo experienciada em sua potência. Com essa alteração, os objetos de satisfação advindos da mãe passam a simbolizar essa potência, sendo intitulados por Lacan (1957/1995) como objetos de dom. Esses objetos podem ser concedidos ou recusados diante do apelo da criança. Nesse sentido, o objeto além de satisfazer a necessidade da criança possui um mais-além, ou seja, adquire o estatuto de signo do amor materno. É nesse cenário que o seio, assim como o leite, simboliza algo além da função nutrícia na dialética mãe-bebê.

Nesse contexto, a mãe pode encontrar-se numa intensa relação incestuosa com o bebê, na qual o seio, mais do que ser apenas fonte de alimento, é inclusive, índice dessa relação corpo a corpo da qual o pai está privado (Queiroz, 2005). Assim, a amamentação pode ocupar intensamente a mãe, podendo-a fazer desinvestir de seus demais interesses (Middlemore, 1974). Com isso, o pai pode sentir-se ciumento e excluído da íntima relação mãe-bebê, sendo

que também pode ser tomado por sentimentos de inveja em relação às capacidades femininas de criar um bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Raphael-Leff, 1997).

Da parte do homem também pode haver um distanciamento concernente à sua esposa quando essa, mudando de estatuto, torna-se mãe. Com essa mudança, a associação entre a mulher e a relação incestuosa inconsciente pode tornar-se mais intensa, provocando uma cisão entre a mãe e a prostituta (Freud, 1912/1990). Desse modo, a chegada de um filho exige que cada cônjuge reorganize suas identidades sexuais, considerando-se que a intimidade do casal será afetada pelos novos papéis de mãe e pai, inclusive no que diz respeito à vida sexual (Lighezzolo, Boubou, Souillot & Tychev, 2005). Sendo assim, para Parke (1996), com a parentalidade, a vida sexual do casal passa por mudanças que podem diminuir a frequência das relações sexuais, bem como o nível de satisfação conjugal, especialmente na perspectiva paterna. Assim, uma vez que o bebê ganha prioridade na nova relação triangular (Olsson, Robertson, Björklund & Nissen, 2010), a redução dos momentos para o casal pode conduzir os pais a terem ciúmes e se consideram preteridos (Krob, Piccinini & Silva, 2009). Diante disso, significar o filho como uma extensão de si, pode ser caracterizado como uma racionalização perante o ciúme despertado com os cuidados maternos, que indiretamente podem ser considerados destinados para o pai (Maciel, 2010).

A respeito disso, pesquisadores suecos (MacAdam et al., 2011) realizaram uma pesquisa com 12 pais com o intuito de obter melhor entendimento de como homens experienciaram a sexualidade após terem um filho. Nesse estudo, os pais relataram que as atividades sexuais foram interrompidas após o nascimento da criança. No entanto, os pais disseram não se sentirem aflitos ou frustrados pela falta de sexo. Com isso, as atividades sexuais foram abandonadas por um curto período, sendo as atenções direcionadas para a nova situação, criando-se novas formas de proximidade entre o casal. Inclusive, para os pais desse estudo, o bebê trouxe uma nova força ao relacionamento conjugal.

Além desses aspectos, conforme Lamour e Letronnier (2003), cabe se considerar que estudar a paternidade em uma cidade grande, com famílias nas quais o bebê vai à creche, uma vez que mãe e pai trabalham, implica em compreender essa situação para além dos modelos tradicionais, sobretudo por uma perspectiva triádica, isto é, mãe-pai-bebê. A respeito disso, sabe-se que o número de mulheres que trabalham fora de casa tem aumentado, bem como tem ocorrido o retorno cada vez mais cedo ao emprego após o nascimento dos filhos (Genesoni & Tallandini, 2009; Parke, 1996). Com isso, por razões econômicas e de realização pessoal, o trabalho feminino pode afetar a paternidade, pois os pais passam a ter maior responsabilidade no cuidado de seus filhos pequenos (Parke, 1996), propiciando, assim, maior destaque às capacidades masculinas em cuidar dos filhos (Brazelton & Cramer, 1992). Desse modo, a

dificuldade de criar os filhos exclusivamente dentro do espaço familiar, devido especialmente às demandas de trabalho, tem ocasionado mudanças nas responsabilidades parentais (Atkinson, 1987). A respeito disso, Hart e Kelley (2006) afirmam que quanto mais horas as mães trabalham fora de casa, maior tende a ser a participação paterna nos cuidados com as crianças pequenas. Corroborando com esses achados, Seabra e Seidl-de-Moura (2011) asseguram que a retomada do trabalho materno possibilita que o pai possa se envolver mais com seu filho. Efetivamente, no contexto de trabalho materno, os papéis de provedor e cuidador tendem a ser igualmente compartilhados entre o casal (Atkinson, 1987).

Acerca disso, destaca-se o estudo francês de Lamour e Letronnier (2003) que investigou o desenvolvimento da paternidade de 36 pais, que tinham só um filho, dos seis meses até os dois anos de vida dos seus filhos. As crianças frequentavam creche e residiam com pai e mãe, sendo que ambos os genitores trabalhavam. Especificamente, os autores investigaram o envolvimento do pai com seu filho, as representações que os pais tinham sobre si mesmo e reorganizações do seu funcionamento intrapsíquico, e por fim, os vínculos entre mãe-pai-filho em relação ao comportamento e fantasia articulados com a história familiar. Para tanto, foram utilizados questionários, entrevistas, assim como observações mãe-pai-bebê. Os resultados deste estudo indicaram que os pais que eram mais envolvidos com seus bebês expressaram mais suas inseguranças ao longo dos dois anos de vida de seus filhos. Para os autores, a prevenção de distúrbios na paternidade requer que a vulnerabilidade paterna seja considerada, isto é, de que o homem também pode sofrer ao tornar-se pai. Diante disso, foi considerado importante que os pais encontrem um espaço de escuta e de apoio. Além do mais, como pai e mãe estavam trabalhando, as tarefas diárias tendiam a ser redistribuídas, sendo que o casal passou a funcionar de modo menos hierarquizado e mais igualitário. Neste contexto, para os autores, a paternidade poderia estar sendo experienciada distintamente dos modelos tradicionais, uma vez que inclusive a maternidade nesta situação apresentava-se diferente.

### **As figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade**

A paternidade é integrada num sistema de relações familiares, cujos participantes também passam por suas respectivas transições (Palkovitz & Palm, 2009). Tornar-se pai não muda apenas o homem e sua relação conjugal, mas também a relação com sua própria mãe e pai (Parke, 1996). Frequentemente o novo pai se depara com a possibilidade de reajustar os laços com sua mãe e pai, resultando em uma maior aproximação ou distanciamento. Desse modo, se impõe ao pai a tarefa de “passar de geração”, reorganizando as gerações desde a gravidez (Darchis, 2000).

Além disso, pode-se considerar que a paternidade é afetada pela relação do homem com o seu próprio pai (Guzzo, 2011), na medida em que muitos homens, no processo de tornarem-se pais, reproduzem comportamentos do primeiro modelo que tiveram (Frieman & Berkeley, 2002). Entretanto, conforme Bouchard (2012), o relacionamento pai-filho não é determinado segundo a relação que o próprio pai possuía com seus genitores. Nesse sentido, o desejo de seguir o modelo paterno pode estar relacionado a recordações consideradas positivas, de pais afetivos, próximos e engajados. Já os modelos de paternidade considerados distantes e ausentes, podem suscitar o desejo de reparação na atual relação com seus filhos, na qual os pais esforçam-se a resgatar falhas que percebiam em seus pais (Finn & Henwood, 2009; Gomes & Resende, 2004). Desse modo, os pais podem desejar ser melhores que seus próprios pais. Em particular, na atualidade, por meio do conhecimento de literatura técnica acerca da parentalidade, os pais podem ansiar em exercer uma paternidade considerada distinta e superior em relação às gerações passadas (Brazelton & Cramer, 1992). Assim, os pais contemporaneamente podem diferenciar a si mesmos de seus pais, por se considerarem homens que são mais próximos de seus filhos (Lamour & Letronnier, 2003).

Ainda que a influência direta de seu próprio pai e mãe não determine a paternidade de um homem, pode-se considerar que os pais, mesmo sendo adultos, portam o infantil que os constituiu (Zavaroni, Viana & Celes, 2007; Zornig, 2010). Com isso, em sua experiência de paternidade, o pai faz uma viagem a fim de ressignificar seu passado, revivendo os vínculos entre as gerações, bem como as relações que conectam pais e filhos. Esse passado pode ser constituído por elementos não elaborados, assim como por conteúdos recalçados. Com isso, reencontrar a infância pode se tornar uma tarefa difícil, às vezes impossível (Darchis, 2000). Para Fraiberg et al. (1994), com o nascimento de um bebê, existe a possibilidade de que pai e mãe repitam tragédias familiares de sua própria infância. Conforme esses autores, essa repetição é chamada de fantasmas. Esse fenômeno ocorre quando os pais que não se recordam afetivamente de seus problemas na infância encontram-se ligados e identificados com os personagens terríveis do passado. No entanto, para esses autores, pais e mães ainda que tenham passado por uma infância difícil, contanto que não reprimam os afetos vinculados a essas experiências, podem impedir que seus filhos revivam esses fantasmas. Nesse contexto, segundo Moro (2005), a paternidade traz à tona aspectos transmitidos entre as gerações, inclusive conteúdos ocultos e traumas infantis, bem como o modo como cada sujeito articula essas experiências.

Acerca disso, Golse (2003) diferenciou as transmissões transgeracionais das intergeracionais. A transmissão transgeracional ocorreria entre gerações distantes, comumente que não conviveram juntas. Essa sobreviria, especialmente, a partir de interditos e não ditos,

incidindo no sentido descendente, isto é, das gerações anteriores para as futuras. Por sua vez, a transmissão intergeracional aconteceria entre as gerações que possuem contato direto, ou seja, sobretudo entre as figuras parentais e seus filhos. Diferentemente, essa via de transmissão empregaria as vias da comunicação verbal e não-verbal, podendo incidir nos dois sentidos, ascendente e descendente.

Nessa perspectiva, Raphael-Leff (1997) afirmou que com a paternidade o homem passa a reatualizar seu passado, transformando sua identidade, bem como vivenciando fortes sentimentos ao tomar o lugar de seu pai e, por conseguinte, por deslocá-lo para a geração dos avós. O pai pode identificar-se com as figuras parentais internalizadas ou ainda constituir sua paternidade a partir de sucessivas formações reativas em relação a essas. A paternidade também pode se organizar em relação à idealização da infância e das figuras parentais glorificadas, ou ainda sustentar-se na tentativa de se compensar fragilidades vividas enquanto criança, procurando-se alcançar a paternidade perfeita da qual se sentiu privado (Raphael-Leff, 1997).

Relativo a isso, conforme Freud (1909/1990), nos anos iniciais, o desejo mais intenso e relevante da criança é parecer-se com seus genitores, aos quais são conferidas características ideais. A criança deseja ser grande como sua mãe e pai, sobretudo como o genitor do mesmo sexo. Entretanto, gradualmente, a criança vai questionando os atributos que conferia a seu pai e mãe, comparando-os com outras figuras parentais. Além disso, passa a criticá-los quando se sente negligenciada, assim como quando sente que não esteja ganhando todo o amor que deveria, acreditando existir pais e mães melhores que os seus em diversos aspectos. Diante disso, ocorre um período de afastamento que dificilmente se é recordado de forma consciente, o qual foi intitulado por Freud (1909/1990) de “romance familiar do neurótico”. Nesse estágio, a criança passaria a fantasiar a substituição de suas figuras parentais por outras enaltecidas, as quais teriam aspectos extraordinários e ímpares, correspondendo aos ideais infantis outrora outorgados aos seus próprios genitores. Essa fantasia expressaria o pesar pelo fim do período no qual a criança encontrava grande satisfação em ter pai e mãe como figuras supervalorizadas. Sendo assim, é nesse contexto que, segundo Hurstel (1999), o pai ideal é fantasiado como um ser infalível e não castrado, convocando o *infans* a sair do assujeitamento da relação com a mãe, deixando de ser o falo dessa, passando, assim, a ser um candidato a ter o falo. Esse pai enaltecido e temido corresponde ao pai da horda primitiva freudiana que desfrutava de todas as mulheres, assim como interditava a todos (Freud, 1913/1990).

Nesse sentido, segundo Darchis (2000), o processo de tornar-se pai implica em dois movimentos identificatórios. O primeiro consiste na busca da criança que o pai foi e que ele gostaria de ter sido. Para tanto, o homem regressa, abrindo caminhos em sua infância e em sua



parentalidade que possibilitam a separação e a diferenciação das histórias passadas. Para a autora, no segundo movimento identificatório, o homem passa a buscar o que é um pai, encontrando os pais que teve e os que gostaria ter tido, para que assim possa formar sua identidade de pai. Essas alterações possibilitam ao novo pai nascer com a chegada desta nova criança. Desse modo, para Darchis (2000), voltar-se para as primeiras experiências estruturantes do sujeito se impõe como uma viagem imprescindível para a entrada na paternidade.

Nessa perspectiva, Freud (1921/1990) afirmou que por meio da identificação o sujeito pode tomar traços de outra pessoa. Esse mecanismo pode acontecer quando há a possibilidade de se viver o mesmo que outra pessoa, tomando-se traços dela para si. Acerca disso, Laplanche e Pontalis (2001) discutiram que a identificação consiste em um mecanismo psicológico por meio do qual o sujeito assimila traços, aspectos e atributos de outra pessoa, transformando-se. Nesse sentido, a identificação pode ser compreendida como mais do que um mecanismo psicológico, tratando-se, a rigor, da operação por meio da qual o sujeito humano se constitui.

Nesse sentido, conforme Brazelton e Cramer (1992), o menino pode desenvolver uma identificação inicial pela mãe, com a sua capacidade de nutrir e criar. A mãe apareceria como poderosa, sendo fonte dos estímulos, cuidados e satisfações. Conforme esses autores, essa identificação com a mãe seria expressa por meio de brincadeiras como fingir-se de grávido ao empurrar a barriga para frente ou usando uma almofada, bem como praticando com bonecas a habilidade de cuidar de bebês. Além disso, de modo inconsciente, dores de barriga, intestino preso, assim como outros problemas no sistema gastrointestinal podem possuir uma relação com essa identificação (Brazelton & Cramer, 1992). Efetivamente, durante o processo de tornar-se pai, os homens passam por um remanejamento psíquico pelo qual são reativados elementos femininos de sua bissexualidade, assim como identificações maternas (Lamour & Letronnier, 2003).

Desse modo, como visto anteriormente, processos identificatórios influenciam na constituição da paternidade. Com efeito, conforme Darchis (2000), o homem que inicialmente se identificou com seu pai e mãe necessita diante do processo de tornar-se pai introjetar a função parental a fim de poder constituir a sua diferenciação em relação a esses. É por meio da autorização que o homem obtém implicitamente de seu pai e de sua mãe que ele pode conceber sua nova parentalidade e constituir uma filiação, reorganizando a constelação intrafamiliar e intergeracional ao reposicionar seus pais como avós (Darchis, 2000).

Assim, considerando-se o que foi exposto sobre as experiências infantis em relação à mãe e ao pai, entende-se, de acordo com Freud (1930/2012), que nada na vida psíquica pode

deixar de existir, tudo se mantém conservado e pode ser trazido outra vez à luz conforme condições adequadas. No que concerne a isso, conforme Freud (1899/1990), não resta dúvida de que as experiências infantis deixam marcas indeléveis no psiquismo humano. Essas podem ser reativadas em situações de crise, como diante da experiência da paternidade (Moro, 2005). A respeito disso, Bydlowski (2000a) afirmou que os pais possuem traços significantes parcial ou totalmente inconscientes oriundos de suas próprias histórias, isto é, o eu de cada pai constituiu-se a partir de identificações precoces, sendo por meio desse processo que traços parentais são transmitidos aos filhos. Para essa autora, esses traços podem ser divididos em duas ordens, a saber, representações de palavras e representações de eventos. As representações de palavras são traços próximos da consciência e, com isso, enunciáveis pelo discurso, sendo considerados como literais, entre esses, por exemplo, a escolha do nome do filho e a data de nascimento. Por sua vez, as representações de eventos, também intituladas de representações de cenário, são traços menos enunciáveis, visto que são inconscientes e por isso de difícil acesso a memória parental. Tratam-se das alegrias passadas, lutos, problemas não resolvidos, assim como de dificuldades identificatórias com os antepassados. Com isso, o bebê é potencialmente portador dos riscos da biografia de suas figuras parentais, sendo o resultado disso totalmente inesperado, uma vez que a combinação desses traços juntamente com a singularidade do recém-nascido é sempre imprevisível.

### **Justificativa e objetivo do estudo**

Conforme exposto acima, no que concerne a parentalidade, tradicionalmente foi enfatizado a mãe e os aspectos maternos. Em contrapartida, a paternidade e o pai, foram preteridos. Até mesmo o âmbito acadêmico reproduziu essa tendência social (Brazelton & Cramer, 1992; Cabrera et al., 2000; Eggebeen & Knoester, 2001; Houzel, 2004; Lebovici, 1987; Parseval, 1986). Entretanto, especialmente nas sociedades urbanizadas ocidentais, devido a uma série de alterações sociais, a paternidade tem passado por um período de transição e por um processo de redefinição de seus referenciais, os quais tendem a ser mais participativos e igualitários no que diz respeito aos cuidados com os filhos (Dallos & Noke, 2011; Hart & Kelley, 2006; Piccinini et al., 2009; Seabra & Seidl-de-Moura, 2011; Silva & Piccinini, 2007; Steinberga et al., 2000; Stern, 1997). Nesse sentido, constata-se a relevância de estudos concernentes à paternidade, os quais têm sido cada vez mais desenvolvidos, tanto em termos de prática, como também em termos de experiência subjetiva da paternidade (Fagan, 1994; Houzel, 2004; MacAdam et al., 2011; Parke, 1996).

Nesse contexto, a proposta de Houzel (2004) acerca do eixo da experiência da paternidade torna-se relevante a fim de se considerar os aspectos subjetivos da paternidade tão

tradicionalmente negligenciados. Esse eixo, ainda que abarque diversos fatores, ressalta a importância do desejo paterno de um filho e o processo de tornar-se pai (Houzel, 2004). Quanto ao desejo, esse pode ser compreendido como uma reivindicação fálica articulada com a castração, assim, o filho surge como possibilidade de ser tomado como objeto de desejo e de investimentos narcísicos paternos (Freud, 1900/1990; Lacan, 1957/1995; Rodolfo, 1990). No que diz respeito à transição a paternidade, entende-se que essa implica em repercussões psíquicas que não estão circunscritas aos momentos iniciais de tornar-se pai (Palkovitz & Palm, 2009), mas estendem-se a um processo longo e gradual (Parke, 1996). Além disso, esse processo também se relaciona com a própria história constitutiva paterna, convocando o homem para uma viagem psíquica que reorganiza sua identidade e seu lugar nos níveis conjugal, familiar e transgeracional (Darchis, 2000). Assim sendo, o objetivo do presente estudo foi investigar a experiência subjetiva da paternidade em dois momentos do desenvolvimento do bebê, no sexto mês e ao final do segundo ano de vida da criança.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### Participantes

Participaram deste estudo três pais que estavam passando pela primeira experiência da paternidade. Esses possuíam idades entre 30 e 45 anos, com escolaridade mínima de ensino superior completo. Os filhos nasceram a termo, sendo um menino e duas meninas que residiam com mãe e pai. As mães possuíam idades entre 29 e 33 anos, com escolaridade mínima de ensino superior e trabalhavam ou estudavam fora de casa. Na Tabela 1 constam informações acerca dos casos.

Tabela 1: *Dados sócio-demográficos dos casos.*

Caso	Idade do bebê F1*	Idade do bebê F2*	Sexo do bebê	Idade paterna	Escolaridade paterna	Profissão paterna
1	6	25	Menino	30	Pós-graduação	Professor e Analista de Informação
2	6	20	Menina	36	Ensino Superior	Analista de sistemas
3	6	18	Menina	45	Pós-graduação	Professor

\*idade em meses

Todos os participantes foram selecionados de um estudo maior, intitulado “*Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares*” – CRESCI (Piccinini et al., 2012), o qual ainda está em andamento. Este estudo tem como objetivo investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de crianças, desde seu sexto mês até o final dos anos pré-escolares. Mais especificamente, busca comparar, ao longo desse período, o desenvolvimento de crianças que frequentaram ou não a creche, e relacioná-lo a qualidade dos ambientes institucional e familiar.

O projeto iniciou em 2011 acompanhando 77 famílias, dentre estas 29 de bebês que frequentavam a creche (Grupo 1) e 48 de bebês que eram cuidadas prioritariamente pela mãe ou por outros cuidadores, como babá e familiares (Grupo 2). As famílias cujos bebês ingressaram na creche foram recrutadas em duas creches públicas federais (uma pertencente à

universidade e outra a um hospital público federal), e as demais famílias principalmente através da mídia ou por indicações. Além das famílias, o estudo também contou com a participação de 18 educadoras das duas creches. O projeto envolve duas etapas de coleta de dados. A Etapa I, com quatro fases de coleta de dados: 6º, 12º, 18º e 24º mês de vida do bebê. A Etapa II, com três fases de coleta de dados, 3º, 4º e 5º anos da criança. Ao longo deste período, o desenvolvimento dos bebês está sendo avaliado e são aplicadas entrevistas semiestruturadas, questionários e escalas com as mães e com os pais, visando avaliar sua percepção sobre o desenvolvimento da criança, bem como a qualidade do ambiente familiar. Foram também realizadas filmagens da interação livre mãe-bebê e pai-bebê. Por sua vez, a qualidade das creches também foi avaliada, e as educadoras preenchem escalas e questionários sobre sua percepção a respeito da adaptação da criança à creche e do seu desenvolvimento.

### **Delineamento e procedimentos**

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso coletivo (Stake, 1994), de caráter longitudinal, com o objetivo de investigar a experiência subjetiva da paternidade em dois momentos do desenvolvimento do bebê, no sexto mês e ao final do segundo ano de vida da criança. A experiência subjetiva da paternidade foi investigada com base em quatro categorias derivadas da literatura (Henn 2007, 2011; Houzel, 2004; Silva, 2007): *o pai e a experiência subjetiva da paternidade, o bebê e a experiência subjetiva da paternidade, a esposa e a experiência subjetiva da paternidade e as figuras parentais e a experiência subjetiva da paternidade*. Para tanto, foram examinados os relatos paternos, sobretudo a partir da teoria psicanalítica concernente à experiência subjetiva da paternidade. Além disso, durante as análises se buscou investigar tanto as semelhanças como as particularidades entre os casos, em cada momento da coleta de dados e também variações longitudinais. Conforme Stake (1994), o estudo de caso coletivo visa investigar como um fenômeno específico se manifesta em vários casos. Sendo assim, há um interesse secundário no caso particular, com destaque para semelhanças e especificidades entre os casos.

O presente estudo seguiu as fases de coleta de dados do projeto CRESCI, conforme detalhado em Piccinini et al. (2012). Entretanto, serão destacados e descritos a seguir somente os instrumentos e procedimentos que foram empregados neste estudo. O contato inicial ocorreu na creche, durante as entrevistas de rotina realizadas pelos profissionais da instituição. As famílias que atenderam aos critérios de inclusão do projeto CRESCI, foram convidadas a participar do estudo após a matrícula na creche, que ocorreu no ano de 2011. Naquele momento, a família foi informada sobre os objetivos do estudo, assim como dos

procedimentos que seriam realizados. Uma vez aceita a participação, foi solicitada a leitura e assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (Anexo A e B) e o preenchimento da *Ficha de Dados Demográficos da Família* (NUDIF/CRESCI, 2011a). Posteriormente foi agendado um novo encontro atendendo a preferência dos participantes, quando se deu início a primeira fase de coleta de dados.

Para fins do presente estudo foram utilizados dados de duas fases de coleta de dados do projeto CRESCI, a Fase I e Fase III. Na Fase I, correspondente à entrada do bebê na creche, em torno do sexto mês de vida da criança, os pais responderam à *Entrevista sobre a gestação, parto e a paternidade* (NUDIF/CRESCI, 2011b)<sup>1</sup>. Por sua vez, na Fase III, quando os bebês estão no final do segundo ano de vida, os pais responderam à *Entrevista sobre a paternidade* (NUDIF/CRESCI, 2011c)<sup>2</sup>.

### **Instrumentos**

*Ficha de Dados Demográficos da Família* (NUDIF/CRESCI, 2011a): esse instrumento tem como objetivo obter informações demográficas dos participantes, tais como: idade, escolaridade, religião, existência de outros filhos, situação profissional e moradia. Cópia no Anexo C.

*Entrevista sobre a gestação, parto e a paternidade* (NUDIF/CRESCI, 2011b): esse instrumento foi utilizado para se investigar a experiência subjetiva da paternidade em torno do sexto mês de vida do bebê. Essa entrevista é constituída de sete blocos de questões que investigam diversos temas tais como a gravidez, o parto, os primeiros dias com o bebê, o dia-a-dia com o bebê, a experiência de ser pai, a companheira como mãe, pessoas que ajudam a cuidar do bebê e, por fim, a creche. Trata-se de uma entrevista estruturada, realizada de forma semidirigida, na qual o pai será solicitado a falar sobre cada um dos temas investigados. Cópia no Anexo D.

---

<sup>1</sup>. Durante a Fase I também foram utilizados os seguintes instrumentos: Entrevista sobre a gestação, parto e a maternidade (NUDIF/UFRGS, 2011), Ficha de Contato Inicial (NUDIF/UFRGS, 2011), Questionário sobre Redes de Apoio Social e Escala de Apoio Social (NUDIF/UFRGS, 2008), Entrevista Adaptação Mãe/Pai e Questionário sobre o Desenvolvimento do Bebê (NUDIF/UFRGS, 2011). Além disso, foi realizada a Avaliação do Desenvolvimento do bebê pela Escala Bayley III (2006) e a Observação da Interação mãe/pai-bebê.

<sup>2</sup>. Na Fase III também foram utilizados os seguintes instrumentos: Entrevista sobre a maternidade (NUDIF/UFRGS, 2011), Questionário sobre o desenvolvimento do bebê (NUDIF/UFRGS, 2011) e Questionário sobre a rotina do bebê (NUDIF/UFRGS, 2011). Além disso, foi realizada a Avaliação do Desenvolvimento do bebê pela Escala Bayley III (2006) e a Observação da Interação mãe/pai-bebê.

*Entrevista sobre a paternidade* (NUDIF/CRESCI, 2011c): esse instrumento foi utilizado para investigar a experiência subjetiva da paternidade ao final do segundo ano de vida da criança. Trata-se da mesma entrevista descrita acima utilizada no sexto mês de vida do bebê, com as devidas adaptações para esse momento do desenvolvimento da criança. Cópia no Anexo E.

### **Considerações éticas**

O projeto CRESCI, do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Protoc. N° 2010070, cópia no Anexo E) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Protoc. N° 100553, Cópia no anexo F), sendo considerado ético e metodologicamente adequado, de acordo com a Resolução N° 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), assim como pela Resolução N° 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia que dispõe sobre a Realização de Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos. Os participantes foram, desde o início, informados sobre o objetivo do projeto e a forma de coleta e análise dos dados, e assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

## CAPÍTULO IV

### DISCUSSÃO GERAL

No capítulo anterior foram apresentadas as especificidades de cada um dos casos analisados no que diz respeito à experiência subjetiva da paternidade em dois momentos do desenvolvimento do bebê, no sexto mês e ao final do segundo ano de vida da criança. No presente capítulo serão priorizadas as eventuais semelhanças e particularidades entre os casos, as quais serão discutidas conforme a literatura acerca do tema.

Primeiramente, compreende-se que em todos os casos estudados, ter um filho e, por consequência, ascender à condição de pai, era um aspecto que já se fazia presente na vida psíquica de todos os participantes. De fato, seja a gestação planejada ou não, o bebê é portador de uma história que o antecede, a partir da qual os pais constituem o lugar conferido ao filho (Bydlowski, 2000b; Rodolfo, 1990).

No Caso 1 (Rodrigo), a paternidade era um assunto que devia ser mantido longe de seus pensamentos, sendo, assim, evitado, na medida em que representava a possibilidade de reviver a história de seu pai e avô (Fraiberg et al., 1994). Apesar disso, após a notícia da gestação, o futuro pai relatou passar a querer ter um filho homem, indicando a possibilidade de identificação com o bebê (Brazelton & Cramer, 1992). Já no segundo caso (Danilo) percebeu-se que o pai sentiu-se ambivalente, pois planejou a gestação, mas simultaneamente não queria ter um filho (Bydlowski, 2000b). Particularmente, no Caso 3 (Guilherme), o pai planejou por um longo tempo a gestação, tendo, contudo, postergado sua realização, na medida em que outros anseios tomavam o lugar que posteriormente foi conferido à filha (Lacan, 1985/2008; Leclaire, 1977). Entretanto, após o parto, o pai deparou-se com a realidade do bebê, a qual se confrontava com as antecipações feitas anteriormente ao nascimento. Nesse cenário, ele denegou e compreendeu intelectualmente as discrepâncias entre o bebê e suas eventuais expectativas. Referente a isso, embora os demais pais não tenham explicitado esse movimento, é plausível supor que uma das principais tarefas parentais após o nascimento do filho é a reorganização psíquica realizada entre o bebê imaginado e aquele que concretamente nasceu (Ferrari, Piccinini & Lopes, 2007).

Além disso, nos três casos investigados a paternidade esteve associada ao trabalho paterno em ceder o investimento narcísico ao filho que nasceu, sendo imposto, com isso, um reposicionamento subjetivo aos pais. Em relação a isso, no Caso 2 (Danilo), o pai teve sua experiência subjetiva da paternidade associada às suas limitações como pai. Esses aspectos



podem ser pensados como próprios à paternidade, uma vez que ao sentir-se aquém e insuficiente em relação à filha, ele mostrou-se como também sendo marcado pela castração (Hurstel, 1999), aspectos que também podem ser pensados como pertencentes aos demais casos. Desse modo, para que os pais deste estudo pudessem tomar seus filhos como objeto fálico, foi necessário que eles se deparassem com suas limitações e finitudes, tendo o narcisismo primário, do qual eles desfrutaram outrora, repousado em seus filhos, os quais eram preservados, ainda que inicialmente, das exigências que a vida impõe, aludindo àquilo que Freud (1914/2004) chamou de “sua majestade o bebê”.

Esse reposicionamento subjetivo foi presente nos três casos investigados, tendo sido expresso nas modificações das atividades, reorganização dos horários dedicados aos interesses estritamente pessoais, a fim de que os pais pudessem ocupar-se dos bebês (Chevalerias, 2005). Especificamente, no Caso 1 (Rodrigo), o pai relatou ser a criança da família antes de ser pai. Com isso, a experiência subjetiva da paternidade esteve associada à perda do estado infantil, passando o homem a assumir a responsabilidade por uma nova vida, o que o conduz a se deparar com suas próprias condições enquanto mortal (Chevalerias, 2005).

Efetivamente, tornar-se pai demandou dos participantes do presente estudo ceder o lugar infantil aos seus próprios filhos, na medida em que o bebê era tomado como objeto de intensos investimentos narcísicos (Rodulfo, 1990). Particularmente, o pai do Caso 1 (Rodrigo) foi o que obteve as maiores dificuldades nesse processo, ainda que encontrasse no filho satisfações narcísicas, as quais eram corroboradas por traços de semelhanças entre si e o bebê. Suas dificuldades pareciam ser influenciadas pelos acontecimentos que o bebê provocara, isto é, a mudança no relacionamento com a mãe do bebê, bem como o fato de passar a ser pai, condição necessária para reviver a história de seu próprio pai e avô. Nesse cenário, esse pai procurava suscitar recursos lenitivos que apaziguassem o sofrimento decorrente do processo de tornar-se pai. Semelhantemente, no Caso 2 (Danilo) o pai também indicou passar por um luto psíquico ao desinvestir de si e tomar o bebê como objeto privilegiado de seus investimentos. Por sua vez, o Caso 3 (Guilherme), em seu relato, minimizou os efeitos desse processo, ainda que tenha indicado ter de renunciar de outros interesses, como a produção acadêmica, a fim de que pudesse investir no bebê.

Além de expressarem o desconforto frente à reorganização de seus posicionamentos subjetivos, os pais deste estudo também experienciaram sofrimento, o qual se traduziu nos seus relatos especialmente por denegação (Freud, 1925/2007). Pode-se compreender que as estruturações dos discursos construídos por denegação expressaram a ambivalência experienciada por esses pais, o que, nesse contexto, segundo Bydlowski (2000b), é um meio de se tomar conhecimento dos conteúdos recalcados. A respeito disso, conforme Freud

(1925/2007), a denegação consiste, essencialmente, numa operação de negação de um representante ideativo recalcado, permitindo com que esse tenha acesso à consciência. Com isso, o conteúdo recalcado torna-se acessível de modo estritamente intelectual, permanecendo separado de seu conteúdo afetivo. Acerca disso, conforme Hyppollite (1966/1998), o eu, por meio de uma fórmula negativa, procura deter o inconsciente, no entanto, nesse não há negação (Freud, 1915/2006). Assim, os pais quando associavam seus filhos a aspectos negativos, bem como os responsabilizavam por problemas ocorridos após a paternidade, empregavam uma partícula negatória, dissociando o conteúdo ideativo do afetivo, possibilitando, com isso, a irrupção desses aspectos.

No tocante à relação com a esposa, todos os participantes deste estudo relataram mudanças desde a gestação até o final do segundo ano de vida da criança. No Caso 1 (Rodrigo), a relação conjugal havia perdido em qualidade, sendo o convívio familiar praticamente restrito ao bebê e aos papéis parentais. Apesar disso, o pai desse caso indicou encontrar satisfação na maternidade de sua esposa, o que pode ser associado ao seu posicionamento masculino em conceder um filho à mulher (Lacan, 1957/1999), bem como no fato do bebê ser um investimento narcísico compartilhado pelos dois (Brazelton & Cramer, 1992; Freud, 1914/2004). Já no Caso 2 (Danilo), o pai indicou principalmente ter perdido espaço frente ao desejo de sua esposa para o bebê. Nesse contexto, além de reviver os conflitos em relação à sua mãe, a relação dele com sua esposa indicava reatualizar o interdito do incesto, na medida em que sua esposa também se tornara *mãe* (Freud, 1912/1990). Por fim, no Caso 3 (Guilherme), o relacionamento do pai com o bebê era experienciado como um desvio da sua relação conjugal, indicando a relação incestuosa entre ele e a filha (Lacan, 1957/1995; 1958/1999), o que em alguma medida somente se efetuava ao preterir a esposa.

Além disso, pareceu ser essencial na experiência subjetiva da paternidade desses pais a relação com suas figuras parentais. Particularmente, foi o pai do Caso 1 (Rodrigo) que manifestamente expressou possuir os maiores conflitos com o seu próprio pai, tendo a paternidade um caráter ambivalente, na medida em que representava a possibilidade de reproduzir os posicionamentos de seu pai, bem como a possibilidade de superá-lo (Brazelton & Cramer, 1992; Raphael-Leff, 1997). Desse modo, compreende-se que conteúdos não simbolizados podem se repetir, manifestando-se em busca de elaboração (Freud, 1914/1990), possibilitando, assim, que identificações infantis reproduzam tragédias familiares (Fraiberg et al., 1994). Efetivamente, Freud (1921/1990) esclareceu que por meio da identificação o sujeito toma traços de outra pessoa, podendo reviver aspectos de outrem. Assim, o referido pai, apesar de tentar diferenciar-se de suas figuras parentais na busca da paternidade que

almejava ter (Freud, 1909/1990), de algum modo permaneceu preso ao seu passado quando se tornou pai (Darchis, 2000).

De forma semelhante, o pai do Caso 2 (Danilo) reatualizou aspectos referentes às suas figuras parentais, especialmente, no tocante à experiência de abandono infantil em relação à sua mãe. Com isso, o romance vivido por sua esposa e filha o recolocava como expectador, visto que sua esposa, como *mãe* que se dedicava ao bebê, associava-se ao abandono experienciado por ele com sua própria *mãe*, uma vez que simbolicamente somente ele ou a filha poderiam ocupar lugar frente ao desejo da *mãe* (Bydlowski, 2000b). Nesse cenário, esse pai era preterido e de alguma forma excluído dessa relação corpo a corpo, na qual o seio e o leite eram signos de amor materno (Lacan, 1957/1995). Assim, neste caso, a amamentação destacou-se para além de sua função alimentar, indicando o modo de relação incestuoso estabelecido entre mãe e filha (Queiroz, 2005; Sales, 2005). Acerca disso, pode-se compreender que embora somente esse caso tenha relatado sobre a experiência paterna frente à amamentação, é plausível pensar que em alguma medida os demais casos também tenham passado por experiências de exclusão e/ou inveja da relação corpo a corpo mãe-bebê, conforme retratado na literatura (Feliciano & Souza, 2011).

Por sua vez, o Caso 3 (Guilherme) teve muitos posicionamentos que se associavam às suas figuras parentais. Nesse contexto, ele não conseguia ser “*firme*” com sua filha como seu próprio pai havia sido consigo. Com isso, o pai dele tornou-se o referencial a ser evitado. No entanto, mesmo que manifestamente esse pai se opunha ao estilo parental de seu próprio pai, por meio de seu relato pôde-se supor existir uma relação inconsciente, revelando, assim, que aspectos referentes às suas figuras parentais eram reatualizados em sua experiência da paternidade (Bydlowski, 2000a; Moro, 2005).

Sendo assim, pode-se perceber em todos os casos estudados os conflitos decorrentes do processo de tornar-se pai, o qual abarca a busca dos pais que tiveram e que gostariam de ter tido (Darchis, 2000). Esse movimento parece estar associado ao período infantil no qual a criança perceberia seus genitores como tendo características ímpares e enaltecidas (Freud, 1909/1990). Efetivamente, esse pai todo poderoso e não castrado (Freud, 1913/1990) apenas encontra correspondência nos ideais infantis (Freud, 1909/1990), demarcando, com isso, que nenhum esforço parental poderá sanar as marcas das limitações e castrações que constituem o ser humano (Hurstel, 1999). Desse modo, os pais deste estudo evidenciaram que apesar de seus esforços em diferenciarem-se de suas figuras parentais, a paternidade nunca alcançava o ideal almejado. Além disso, pode-se pensar que esse anseio em distinguir-se de referenciais paternos tradicionais encontra seu respaldo na valorização social contemporânea do pai participativo (Dallos & Noke, 2011; Steinberga et al., 2000), o qual, de certa forma, parece

não responder ao enigma do que efetivamente é ser um pai (Hurstel, 1999; Lacan, 1957/1995).

Considerando-se o exposto anteriormente, compreende-se que a experiência subjetiva da paternidade no Caso 1 (Rodrigo) destacou-se pelo fato de que para ele tornar-se pai era poder fazer ressurgir seu próprio pai, do qual ele procurava diferenciar-se. Entretanto, nessa tentativa, esse pai tomava posições semelhantes à sua mãe e pai, indicando ter se identificado com esses. Já no Caso 2 (Danilo), a experiência subjetiva da paternidade foi essencialmente associada às angústias concernentes à relação com sua própria mãe, as quais eram reatualizadas na relação mãe-bebê de sua esposa e filha. Por sua vez, a experiência subjetiva da paternidade no Caso 3 (Guilherme) sobressaiu-se principalmente por seus conflitos em vivenciar de modo dicotômico aspectos masculinos e femininos. De fato, traços parentais podem ser transmitidos aos filhos (Bydlowski, 2000a), o que fazia com que para esse pai, apesar de não ser “*firme*” com sua filha como seu pai havia sido consigo, tivesse em sua paternidade ligações inconscientes com suas figuras parentais.

Como pode ser visto na discussão acima, diversos achados do presente estudo encontram respaldo na literatura psicanalítica. Além disto, eles também permitem que se façam novas inferências sobre a experiência subjetiva da paternidade e destacam tanto algumas semelhanças, mas especialmente particularidades associadas à história de cada pai. Contudo, antes de concluir, cabe destacar algumas considerações metodológicas, entre elas possíveis limitações do presente estudo. Em primeiro lugar, salienta-se que a experiência subjetiva da paternidade foi investigada a partir dos relatos paternos obtidos por meio de entrevistas, as quais estão sujeitas às limitações inerentes a esse instrumento, especialmente quando se tenta investigar conceitos que abrangem aspectos subjacentes e inconscientes. De fato, a realização deste estudo em um contexto clínico, com repetidos encontros com cada pai, possibilitaria maiores entendimentos dos aspectos conscientes e interpretações dos conteúdos subjacentes e inconscientes, os quais fazem parte da experiência subjetiva da paternidade. Além disso, a estrutura de categorias de análise utilizada pode não ter apreendido, de maneira suficiente, um fenômeno tão complexo, visto que se trata apenas de uma divisão didática. Neste sentido, sugere-se que os novos estudos sobre paternidade avancem no sentido de implementar novas estratégias de pesquisa, que tenham menos limitações metodológicas.

Apesar de o presente estudo ter envolvido poucos pais e todos pertencentes a um mesmo grupo social, acredita-se que as extensas entrevistas que foram empregadas permitiram se conhecer alguns dos diversos aspectos que constituem a experiência subjetiva da paternidade, possibilitando-se reconhecer semelhanças e particularidades entre os casos, contribuindo para o entendimento sobre o tema de estudo. Além disto, ao abordarem um

período de mais de dois anos, e considerarem inclusive a gestação, permitiram que se investigassem as mudanças e estabilidades no processo de transição para a paternidade. Ainda que a abordagem de estudo de caso, utilizada no presente estudo, não vise à generalização dos resultados, é plausível pensar que alguns dos fenômenos encontrados nos participantes possam ser identificados em outros pais que vivam em contextos parecidos. Desse modo, sugere-se a realização de novas investigações sobre a experiência subjetiva da paternidade em outros contextos.

Embora se reconheça essas eventuais limitações metodológicas, é importante ressaltar que o presente estudo revelou vários achados interessantes para a compreensão da paternidade. Além disto, dedicou-se a uma temática tradicionalmente negligenciada nos âmbitos acadêmicos e sociais, em especial no que diz respeito aos aspectos subjetivos da paternidade.

### **Considerações finais**

O presente estudo revelou diversas especificidades entre os casos estudados, mas também semelhanças em suas experiências subjetivas da paternidade. Apesar das grandes alegrias e satisfações encontradas no tornar-se pai, esse processo envolveu nos três casos um percurso que não se deu sem sofrimento, renúncias e lutos. Com isso, a experiência subjetiva da paternidade, de modo geral, se constituiu em um complexo trabalho psíquico pelo qual o homem passou ao receber a notícia da gestação, trabalho esse que continuou tendo incidências ao longo do desenvolvimento do bebê. Com a paternidade, os pais deste estudo foram convocados a reorganizarem seus posicionamentos subjetivos como homens frente às mães de seus filhos, as quais igualmente eram ou passaram a ser suas esposas, assim como ante seus filhos que os tornaram pais, bem como diante de suas figuras parentais.

Desse modo, essencialmente, pôde-se constatar a partir dos casos estudados a relação existente entre a inscrição subjetiva como pai e a morte, visto que é apenas através do remanejamento psíquico, por meio do qual o pai deixa de tomar a si como criança maravilhosa e imortal, que ele pode ceder esse lugar de imortalidade e perfeição ao filho (Lacan, 1981/2010; Leclaire, 1977; Rodolfo, 1990). Efetivamente, ao tornar-se pai, o homem deve ceder seu posicionamento simbólico ao filho, passando a ocupar o lugar no qual sua mortalidade está inscrita, processo esse experienciado por meio de renúncias e lutos (Hurstel, 1999). Além disso, esse remanejamento somente pode se efetuar na medida em que o pai seja marcado pela castração, sendo o filho tomado como seu objeto de desejo (Penot, 1991; Lacan, 1957/1995). Nesse cenário, o bebê pode ser falicizado, conferindo-se atributos para além dos quais ele realmente possui (Rodolfo, 1990).

Os resultados do presente estudo também indicam a possibilidade de se compreender a experiência subjetiva da paternidade como uma reconstituição psíquica que convoca o homem a criar caminhos e destinos singulares que se articulam à sua própria constituição enquanto sujeito. Assim, o nascimento do bebê e a transição a paternidade promoveria uma reelaboração de tudo o que constituiu o homem até aquele momento (Chevalerias, 2005). Embora os participantes deste estudo fossem pais com elevado nível de escolaridade, um deles inclusive fazendo psicoterapia, as experiências pregressas ainda se faziam presentes nas relações atuais. Nesse sentido, as transformações e reorganizações psíquicas decorrentes da paternidade não ocorreram de forma aleatória, mas associaram-se às próprias histórias constitutivas de cada pai. Sendo assim, corrobora-se com Darchis (2000) no entendimento de que o homem ao tornar-se pai passa por uma viagem psíquica com o intuito de ressignificar o passado, defrontando-se, assim, com o infantil que o constituiu, o qual compreende conteúdos recalçados e não elaborados. Com isso, pode-se pensar que com a paternidade antigas vivências, as quais aparentemente podem ter sido superadas, foram reativadas por cada participante do presente estudo, influenciando o processo de tornar-se pai, a partir do que, pode-se pensar o quanto a transição para a paternidade, e obviamente para a maternidade, merece ser eventualmente acompanhada por profissionais atentos às diversas questões envolvidas neste contexto.

## REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Salas, E. (1984). *A Paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Atkinson, A. M. (1987). Fathers' participation and evaluation of a family day care. *Family Relations*, 36(1), 146-151.
- Biggart, L., & O'Brien, M. (2010). UK Fathers' long work hours: career stage or fatherhood? *Fathering*, 8(3), 271-275.
- Blos, P. (1991). Masculinad: La rebeldia conta el padre o el esfuerzo adolescente por ser masculino. In Urribarri Rodolfo (Org.), *Psicoanálisis con niños y adolescentes* (pp. 19-30). Buenos Aires: Tomo.
- Bornholdt, E. A.; Wagner, A.; & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), p. 75-92.
- Bouchard, G. (2012). Intergenerational Transmission and Transition to Fatherhood: A Mediated-Moderation Model of Paternal Engagement. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 747-755.
- Bradley, E., MacKenzie, M. & Boath, E. (2004). The experience of first-time fathers: A brief report. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 22(1), 45-47.
- Brasil – Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012*.
- Brazelton, T. & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bydlowski, B. (2001). O olhar interior da mulher grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno. In: *Novos Olhares sobre a Gestação e a Criança até os 3 Anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E., 2002, p. 205-214.
- Bydlowski, M. (2000a). *Je rêve un enfant – l'expérience de la maternité*. Paris: éditions Odile Jacob.
- Bydlowski, M. (2000b). *La dette de vie – Itinéraire psychanalytique de la maternité*. Paris: PUF.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Chevalerias, M.P. (2005). O homem, o filho, o amante: as diferentes figuras do pai em torno do nascimento. In M.D. Moura (Org.). *Psicanálise e hospital – novas versões do pai: reprodução assistida e UTI-4* (p 21-32). Belo Horizonte: Autêntica/FCH-FUMEC.

- Condon, J. T., Boyce, P., & Corkindale, C.J. (2004). The First-Time Fathers Study: a prospective study of the mental health and wellbeing of men during the transition to parenthood. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 38, 56-64.
- Crepaldi, M. A., Andreani, G., Hammes, P. S., Ristof, C. D., & Abreu, S. R. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 579-587.
- Dallos, R., & Nokes, L. (2011). Distress, loss, and adjustment following the birth of a baby: a qualitative exploration of one new father's experiences. *Journal of Constructivist Psychology*, 24, 144-167.
- Darchis, E. (2000). La instauration de la parentalité et ses avatars / A instauração da parentalidade e seus avatares (M. C. Passos, Trans.). *Le divan familial – blessures de la filiation. Revue de thérapie familiale psychanalytique*, 5/Automne. Paris: In Press Éditions.
- De Martini, T. A. D., Piccinini, C. A., & Gonçalves, T. R. (2010). Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia*, 31(1), 121-136.
- De Neuter, P. (2001). *Malaises et mal-être dans la paternité. Cliniques méditerranéennes*, 63, 49-69.
- Dor, J. (2011). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eggebeen, D. J., & Knoester, C. (2001). Does Fatherhood Matter for Men? *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 381-393.
- Fagan, J. (1994). Mother and father involvement in day care centers serving infants and young toddlers. *Early Child Development and Care*, 103(1), 95-101.
- Fägerskiöld, A. (2008). A change in life as experienced by first-time fathers. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 64-71.
- Feliciano, D.S. & Souza, A.S.L. (2011). Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanáltica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação. *Jornal de Psicanálise*, 44 (81), 145-161.
- Ferrari, A.G., Piccinini, C.A., Lopes, R.S. (2007). O Bebê Imaginado Na Gestação: Aspectos Teóricos E Empíricos. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 12, (2), 305-313.
- Finn, M., & Henwood, K. (2009). Exploring masculinities within men's identificatory imaginings of first-time fatherhood. *British Journal of Social Psychology*, 48, 547-562.
- Fraiberg, S., Adelson, E. & Shapiro, V. (1994). Fantasma no quarto do bebê: uma abordagem psicanáltica dos problemas que entram a relação mãe bebê. *Revista CEAPIA*, 7, 12-34.



- Freud, S. (1990). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. (J. Etcheverry, Trad.). Em J.Strachey (Org.), *Obras Completas* (Vol. 19, pp.259-276). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1925)
- Freud, S. (1990). El sepultamiento del complejo de Edipo. (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.19, pp. 179-187). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1924)
- Freud, S. (1990). Esquema del psicoanálisis (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.19, pp. 41-61). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1940)
- Freud, S. (1990). La interpretación de los sueños (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.4 e 5, pp. 1-707). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1900)
- Freud, S. (1990). La novela familiar del neurótico. (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.9, pp. 213-220). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1909)
- Freud, S. (1990). Psicología de las masas y análisis del yo (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.18, pp. 63- 135). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1921)
- Freud, S. (1990). Recordar, repetir y reelaborar. (J. Etcheverry, Trad.). Em J.Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.12, pp. 151-154). Buenos Aires: Amorrortu.(Original publicado em 1914)
- Freud, S. (1990). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa (Contribuciones de la Psicología del amor, II). (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.11, pp. 169-173). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1912)
- Freud, S. (1990). Sobre la sexualidad femenina. (J. Etcheverry, Trad.). Em J.Strachey (Org.), *Obras Completas* (Vol. 21, pp.223-244). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1931)
- Freud, S. (1990). Sobre los recuerdos encubridores. (J. Etcheverry, Trad.). Em J. trachey (Org.), *Obras Completas* (vol.3 pp. 291-316). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1899)
- Freud, S. (1990). Sobre un tipo particular de elección contribuciones a la psicología del amor (Contribuciones de la Psicología del amor, I). (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.11, pp. 155-168). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1910)

- Freud, S. (1990). Tótem y Tabú. (J. Etcheverry, Trad.). Em J.Strachey (Org.), *Obras Completas* (Vol. 13, pp.1-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado en 1913)
- Freud, S. (1990a). El yo y el ello (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.19, pp. 1-65). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (1990b). La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidade). (J. Etcheverry, Trad.). Em J. Strachey (Org.), *Obras Completas* (vol.19, pp. 141-149). Buenos Aires: Amorrortu. (Original publicado em 1923)
- Freud, S. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In S. Freud. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol 1, pp.95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914)
- Freud, S. (2004). Luto e Melancolia. In S. Freud. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (Vol 1, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917)
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. I. p.133-162. . (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). O Inconsciente. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. II. p.13-74. (Original publicado em 1915)
- Freud, S. (2007). A Negativa. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. III. p.146-157. (Original publicado em 1925)
- Freud, S.(2012). *O mal-estar na cultura*. (Renato Zwick, trad.). Porto Alegre: L&PM. (Original published in 1930)
- Frieman, B. B., & Berkeley, T. R. (2002). Encouraging fathers to participated in the school experiences of young children: the teacher's role. *Early Childhood Education Journal*, 29(3), 209-213.
- Genesoni, L., & Tallandini, M. (2009). Men's Psychological Transition to Fatherhood: An Analysis of the Literature, 1989–2008. *Birth: Issues In Perinatal Care*, 36(4), 305-318.
- Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gomes, A.J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Greenberg, M., & Morris, N. (1974). Engrossment: the newborn's impact upon the father. *American Journal Orthopsychiatric*, 44(4), 520-531.
- Gregory, A., & Milner, S. (2011). What is “New” about Fatherhood?: The Social Construction of Fatherhood in France and the UK. *Men & Masculinities*, 14(5), 588-606.
- Guzzo, K. (2011). New fathers' experiences with their own fathers and attitudes toward fathering. *Fathering*, 9(3), 268-290.

- Halle, C., Dowd, T., Fowler, C., Rissel, K., Hennessy, K., MacNevin, R., & Nelson, M. A. (2008). Supporting fathers in the transition to parenthood. *Contemporary Nurse*, 31, 57-70.
- Hart, M. S., & Kelley, M. L. (2006). Fathers' and mothers' work and family issues related to internalizing and externalizing behavior of children attending day care. *Journal of Family Issues*, 27, 252-270.
- Henn, C. G. (2007). *O envolvimento paterno e a experiência da paternidade no contexto da Síndrome de Down*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Henn, C. G. (2011). *A experiência e a prática da paternidade na adolescência: estudo longitudinal da gestação ao primeiro ano de vida do bebê*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hurstel, F. (2006). "L'annonce faite au mari" ou les trois temps du "devenir père". *Adolescence*, 24(55), 79-89.
- Hurstel, F. (1999). *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas: Papyrus.
- Hyppolite, J. (1998). Comentário sobre a Verneinung de Freud. In J. Lacan, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 843-902. (Original publicado em 1966)
- Iaconelli, V. (2007). Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 10(4), 614-623.
- Krob, A., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009) A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1999). *Seminário Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1985)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1978)

- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1981)
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L. & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, 25, 883-894.
- Lamour M.; & Letronnier, P. (2003). Prevention of Fatherhood Disorders- Accompanying Early Father-Child Interaction in Day-Care Centers. *European Journal of Psychology of Education*. 18, (2), 191-210.
- Laplanche, J & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes médicas.
- Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 21-27). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Leclair, S. (1977). *Mate-se uma criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lerude, M. (1998). Pela felicidade das crianças ou como a terapia de crianças pode algumas vezes permitir o crescimento dos pais. In *Coleção Psicanálise da Criança: o sujeito, o real do corpo e o casal parental*. (129-141). Salvador: Álgama.
- Levin, E. (2005). Cenas e cenários no ato de amamentar. Em L. Sales (Org.). *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 87-114). Salvador: Álgama.
- Lighezzolo, J.; Boubou, F.; Souillot, C. & Tychev, C. (2005). Allaitement prolongé et ratés du sevrage : réflexions psychodynamiques. *Cliniques méditerranéennes*, 72(2), 265-280.
- MacAdam, R., Huuva, E. & Berterö, C. (2011). Fathers' experiences after having a child: Sexuality becomes tailored according to circumstances. *Midwifery*, 27(5), 149-155.
- Maciel, R. A. (2010). *Experiências psíquicas do homem à espera da paternidade*. Tese de doutorado não publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Manfroí, E. C.; Macarini, S. M.; & Vieira, M.L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(1): 59-69.
- Middlemore. M.P. (1974). *Mãe e Filho na Amamentação: uma analista observa a dupla Amamentar*. São Paulo: Inbrex.
- Moro, M.R. (2005). Os ingredientes da parentalidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 8(2), 558-573.
- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF/UFRGS (2011a). *Ficha de dados demográficos da família*. Instrumento não publicado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF/UFRGS (2011b). *Entrevista sobre a gestação, o parto e a paternidade*. Instrumento não publicado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF/UFRGS (2011c). *Entrevista sobre a paternidade*. Instrumento não publicado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Olsson, A., Robertson, E., Björklund, A., Nissen, E. (2010). Fatherhood in focus, sexual activity can wait: new fathers' experience about sexual life after childbirth. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 24(4), 716-25.
- Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within Fathering. *Fathering: A Journal Of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers*, 7(1), 3-22.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Parseval, G. D. (1986). *A parte do pai*. (Theresa Cristina Stummer, trad.). Porto Alegre: L&PM.
- Penot, L. (1991). Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta. Em M. Penot (Org.), *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Coleção Psicanálise da Criança (pp. 31-48), Salvador: Ágalma.
- Piccinini, C. A., Becker, S.M. S.; Martins, G.D.F.; Lopes, R.C.S.; & Sperb, T.M. (2012). *“Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares” – CRESCI*. Projeto de pesquisa não publicado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C.; Gomes, A. G.; Lindenmeyer, D. & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.
- Prado, A. B., Piovanotti, M.R.A., & Vieira, M.L. (2007). Concepções de pais e mães sobre comportamento paterno real e ideal. *Psicologia em Estudo*, 1(12), 41-50.
- Premberg, A.; Hellström, A.L.; & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 22(1), 56-63.
- Queiroz, T. C. N. (2005). *Do desmame ao sujeito*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: A história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rassial, J. (2004). O enigma do pai real. *Estilos da Clínica*, 9(16), 130-137.

- Rimm-Kaufman, S. E.; & Zhang, Y. (2005). Father-School Communication in Preschool and Kindergarten. *School Psychology Review*, 34(3), 287-308.
- Rodulfo, R. (1990). *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rosa, D. C. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96.
- Sales, L. M. (2005). Preocupações acerca dos efeitos psíquicos do aleitamento materno exclusivo sobre a função materna e sobre o bebê. Em L. Sales (Org.). *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 115-132). Salvador: Ágalma.
- Seabra, K. C. & Seidl-de-Moura, M. L. (2011). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação Psicologia*, 15(2), 135-147.
- Seabra, K. C. (2007). *A paternidade em famílias urbanas: análise da participação do pai na creche-escola e nos cuidados com os filhos*. Tese de doutorado não publicada. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Shirani, F., & Henwood, K. (2011). Continuity and change in a qualitative longitudinal study of fatherhood: relevance without responsibility. *International Journal of Social Research Methodology*, 14(1), 17-29.
- Silva, M. R. (2007). *Paternidade e depressão pós-parto materna no contexto de uma psicoterapia breve pais-bebê*. Tese de doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 561-573.
- Solis-Ponton L. (2004). A construção da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.), *Ser pai, ser mãe, parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio* (pp. 29-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stake, R. E. (1994). Case Studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.) *Handbook of Qualitative Research* (pp. 236-247). Londres: Sage.
- Steinberga, S., Kruckmanc, L., & Steinberga, S. (2000). Reinventing fatherhood in Japan and Canada. *Social Science & Medicine*, 50, 1257-1272.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Szejer, M. (2002). Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. Em: Corrêa Filho, L; Corrêa, M & França, P. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: Saúde Perinatal, Educação e Desenvolvimento do Bebê*. (pp. 188-204). Brasília: L.G.E. Editora.

- Thomas, J. E., Bonér, A., & Hildingsson, I. (2011). Fathering in the first few months. *Scandinavian Journal Of Caring Sciences*, 25(3), 499-509.
- Turato, E.R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. (2ªed.). Petrópolis: Vozes.
- Vidigal, M. M. B. A.; & Tafuri, M. I. (2010). Parentalização: uma questão psicológica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, 7(2), p. 65-74.
- Winnicott, D. W. (1982). Conheça o seu filinho. In D. W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (6ª ed., p.19-25). Rio de Janeiro: Editora LTC. (Originalmente publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (1982). E o pai? In D. W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (6ª ed., p. 127-133). Rio de Janeiro: Editora LTC. (Originalmente publicado em 1945)
- Winnicott, D.W. (2000). A preocupação Materna Primária. In D. W. Winnicott, *Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas*. (pp. 309-405). Rio de Janeiro: Imago (original publicado em 1956)
- Winnicott, D.W. (2006). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: Convergências e divergências. In D.W. Winnicott, *Os bebês e suas mães*. (pp. 79-92). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1968)
- Winnicott, D.W. (2006). O recém-nascido e a sua mãe. In D.W. Winnicott, *Os bebês e suas mães*. (pp. 29-42). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1964)
- Zavaroni, D. M. L; Viana, T. C.; & Celes, L. A. M. (2007). A constituição do infantil na obra de Freud. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12 (1), 65-70.
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-. 470.

**ANEXO A**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado**  
**(Grupo da Creche UFRGS)**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante doze meses o desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá quatro fases de coletas de dados: ingresso do bebê na creche, um mês, seis meses e doze meses após o ingresso na creche, quando os pais serão convidados a responder entrevistas. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinadas entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência dos participantes ou na creche do bebê se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem.

Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia pelo fone 3308-5698. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: [cresci.ufrgs@gmail.com](mailto:cresci.ufrgs@gmail.com). Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) Participante

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_



**ANEXO B**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**  
**Programa de Pós-graduação em Psicologia**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Informado**  
**(Grupo da Creche HCPA)**

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos de coleta dos dados do presente projeto de pesquisa que tem como objetivo acompanhar durante doze meses o desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo de bebês que frequentam e não frequentam creche. A pesquisa envolverá quatro fases de coletas de dados: ingresso do bebê na creche, um mês, seis meses e doze meses após o ingresso na creche, quando os pais serão convidados a responder entrevistas. O local das entrevistas, número de encontros e a sua duração serão combinadas entre pesquisadores e participantes, levando em consideração o melhor interesse dos mesmos. Esses procedimentos poderão ser realizados tanto no Instituto de Psicologia – situado à Rua Ramiro Barcelos, 2600 – como na própria residência dos participantes ou na creche do bebê se assim o preferirem. A coleta de dados será organizada de modo a evitar custos aos participantes. No entanto, quando necessário, será oferecido auxílio para transporte e alimentação.

Acredita-se que as entrevistas permitirão aos participantes refletirem acerca de suas vivências e sentimentos nesse momento do desenvolvimento do filho e que isso poderá trazer algum benefício para eles. No entanto, visto que serão abordadas questões íntimas que podem gerar algum desconforto, caso seja necessário, os participantes poderão ser encaminhados à Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, se assim o desejarem.

Tenho o conhecimento de que receberei a resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Poderei obter tais esclarecimentos com a equipe de pesquisa ou com o Comitê de Ética do Hospital de Clínicas pelo fone 33598304. Minha participação é voluntária e terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isso traga prejuízo ao atendimento prestado a meu filho(a) nesta instituição.

Entendo que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas a minha privacidade. Tenho ciência de que uma via deste documento será fornecida a mim.

Eu, \_\_\_\_\_, concordo em participar deste estudo.

Os pesquisadores responsáveis por este projeto são o Prof. Cesar Piccinini e as doutorandas Scheila Becker e Gabriela Martins, que poderão ser contatados pelo Tel: 3308-5058 e e-mail: [cresci.ufrgs@gmail.com](mailto:cresci.ufrgs@gmail.com). Endereço para contato: Rua Ramiro Barcelos, 2600 - Bairro Santa Cecília - Porto Alegre.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Assinatura da(o) Participante

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

## ANEXO C

### FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA

(Projeto CRESCI; NUDIF – UFRGS, 2011)\*

#### I. Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu companheiro:

- Mãe do bebê (Cód. identificação):**.....
- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):.....
  - Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
  - Local de nascimento? .....
  - Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)
- Município:.....
- Estado Civil: ( ) casada; ( ) solteira; ( ) separada; ( ) viúva; ( ) com companheiro
  - Número de filhos teus:..... Enteados:.....
  - Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):  
Vive junto: .....; Não vive junto: .....
  - Filhos teus com outro companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):  
Vive junto: .....; Não vive junto: .....
  - Moras com o pai do bebê? sim ( ) não ( ) Se sim: Desde quando? .....
  - Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade): .....
  - Número total de pessoas que moram na casa:.....
  - Tu trabalhas fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregada
  - O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....
- Não trabalha há ..... meses
- Salário: .....
  - Qual a renda familiar mensal (aprox.)? .....
- Moradia: própria ( ) alugada ( ) outro ( ) .....

#### **Companheiro (Cód. identificação):**.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....
  - Religião:..... Praticante: ( ) sim ( ) às vezes ( ) não
  - Local de nascimento? .....
  - Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)
- Município:.....
- Filhos do companheiro com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade):  
Vive junto: .....; Não vive junto: .....
  - Trabalha fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado
  - O que faz (ia)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....
- Não trabalha há ..... meses
- Salário:.....

#### **Bebê**

- Idade gestacional (em semanas):.....
- Peso ao nascer:.....

#### **Informações do pai do bebê (se ele não for o companheiro e for presente)**

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos): .....
  - Local de nascimento? .....
- Onde viveu a maior parte da vida: ( ) capital ( ) cidade do interior ( ) Zona rural (vila, sítio)
- Município:.....
- Possui outros filhos? (incluir sexo – M ou F e idade):.....
  - Trabalha fora? ( ) sim ( ) não ( ) desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: ..... Dias/semana: .....  
Não trabalha há ..... meses

**II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia.\***

- Possui Televisores (em cores)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Banheiro (definidos pela existência de vaso sanitário e privativos do domicílio)?  
Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Automóvel (carro ou moto) (não táxi, vans ou pick-ups usados para atividades profissionais)?  
Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Empregada doméstica (apenas mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias por semana)?  
Sim ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim ( ) Quantas? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Geladeira? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )
- Possui Freezer? Sim ( ) Quantos? \_\_\_\_\_ Não ( )

**Para fins de pontuação:**

Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a possui de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2a. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. As possibilidades são:

Não possui geladeira nem freezer	0 pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4 pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6 pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6 pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	

Total de Pontos: \_\_\_\_\_ Classe: \_\_\_\_\_

**Para uso do pesquisador:**

Creche: \_\_\_\_\_  
Local de aplicação: \_\_\_\_\_  
Data da Coleta: \_\_\_\_\_  
Responsável: \_\_\_\_\_

\*NUDIF, 2010 adaptada de NUDIF – 2009 (Projeto PREPAR)

\*Item derivado do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2009.

**ANEXO D**  
**ENTREVISTA SOBRE A GESTAÇÃO, PARTO E A PATERNIDADE**  
(Projeto CRESCI; NUDIF – UFRGS, 2011)

**I. Eu gostaria que tu me falasses sobre a gravidez do (nome do bebê)**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Esta foi a tua primeira gravidez? Foi uma gravidez planejada?
2. Como tu recebeste a notícia da gravidez? Como a tua companheira recebeu a notícia?
3. Como te sentiste ao receber a notícia da gravidez?
4. Tu percebeste alguma mudança na tua rotina com a gravidez? Descreva.
5. Como tu avalias a tua participação durante a gravidez? O que tu costumavas fazer?
6. Como tu te sentiste com a tua participação?
7. Como tu achas que ela se sentia com a tua participação?
8. Você acha que alguma coisa mudou no seu jeito de ser com a gravidez?
9. Alguma coisa mudou no jeito de ser dela com a gravidez?
10. Alguma coisa mudou no relacionamento de vocês com a gravidez?
11. Que preocupações tu tinhas em relação a ti como pai durante a gravidez?
12. Que preocupações tu tinhas em relação ao bebê durante a gravidez?
13. Que tipo de pai tu achavas que serias?
14. Como tu imaginavas que o bebê seria? Como tu imaginavas que seria o teu relacionamento com ele?

**II. Eu gostaria que tu me falasses sobre o parto e os primeiros dias com o bebê.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como foi o parto? Foi normal ou cesariana? Houve alguma complicação? Como tu te sentiste?
2. Tu acompanhaste o momento do parto? Como foi?
3. Como foi o teu primeiro encontro com o bebê após o parto? Como tu te sentiste? Ele era como tu imaginavas?
4. Como foram os primeiros dias após o parto? Foi como tu imaginavas? O que te agradou e desagradou?
5. Pensando nos dias que a tua companheira ficou hospitalizada, como foi a tua rotina durante esse período?
6. Como tu avalias a tua participação no parto e nos primeiros dias? O que tu costumavas fazer?
7. Como tu te sentiste com isto?
8. Que preocupações tu tiveste em relação ao bebê nesses primeiros dias?
9. Tu lembras de alguém que ajudou nos primeiros dias após o nascimento? *(em caso afirmativo):* Quem foi? E que tipo de ajuda ofereceu? Como tu te sentiste?
10. Alguém te deu algum suporte pessoal neste momento?

**III. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com o bebê.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como tu descreverias o jeito do teu bebê? Como é lidar com ele?
2. Era como tu imaginavas? *(se não era)* O que está diferente?
3. Tu sentes que consegue entender o que o *(bebê)* expressa?
4. De maneira geral, que tarefas tu consideras importantes no dia-a-dia com um bebê?
5. Que tarefas tu tens assumido com relação ao bebê? Como tu te sentes? *(explorar o tempo de cada tarefa e a frequência em que é responsável pela tarefa)*
6. Qual é a disponibilidade que tu tens para assumir as tarefas ou brincar com o teu filho?

7. Dentre esses momentos que tu tens disponíveis para teu filho, em quais deles tu assumes a responsabilidade pelo cuidado dele?
8. Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?
9. Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?
10. O que tu achas que mais agrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
11. E o que mais desagrada ao teu bebê quando ele está contigo? Por quê?
12. Tu costumava brincar com o bebê? Com que frequência? Do que vocês brincam?
13. Como ele reage a essas brincadeiras? Como te sentes?
14. Como tu lidas com a tua rotina pessoal e a rotina como pai?

**IV. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.**  
*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Tu imaginavas que seria assim?
2. Como tu estás te sentindo como pai neste momento?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade?
4. Como tu te descreverias como pai? Tu pensas em alguém como modelo de pai? Quem seria?
5. Como ela é/era como pai?
6. Tu evitas algum modelo de pai que tu já conhecestes?
7. E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
8. O teu jeito de cuidar do/a (*nome da criança*) é parecido ou diferente do dele?
9. E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
10. O teu jeito de cuidar do/a (*nome*) é parecido ou diferente do dela?

**V. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo a tua companheira como mãe.**  
*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como é o jeito dela lidar com o bebê?
2. Como tu achas que ela está sendo como mãe? Esta sendo como tu imaginavas?
3. Que atividades ela realiza com o bebê?
4. Quanto tempo ela passa por dia com o bebê?
5. Ela solicita a tua ajuda nos cuidados com o bebê? Como? (*em caso negativo*) Tu pedes para ajudar nos cuidados com o bebê? Como é para ti pedir essa ajuda?
6. Como tu avalias a ajuda que tu prestas a ela?
7. Como imaginas que ela te vê como pai?

**VI. Eu gostaria que tu me falasses se outras pessoas ajudam a cuidar do bebê.**  
*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Quem costuma ajudar no cuidado com o bebê? Como é a ajuda dessa pessoa? Quantas horas esta pessoa fica com o bebê?
  2. Como tu te sentes com outras pessoas cuidando do/a (*nome*)?
  3. O que te agrada? O que te incomoda?
  4. Como o/a (*nome*) reage quando outra/s pessoa/s ficam com ele?
  5. O que tu achas disso? Como tu te sentes?
- (Caso esta pessoa fique cuide regularmente da criança)*
6. Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o/a (*nome*)?
  7. O que levaram em conta para isto (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo)?
  8. Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (*nome*) em relação a essa/s pessoa/s que fica/m com ele/a nos últimos meses?

**VII. Por fim, vamos conversar sobre a decisão de colocar a criança na creche:**

1. Por que vocês escolheram colocar a criança na creche neste momento?
2. Como foi feita esta escolha? Como foi feita a escolha da creche?

3. Como tu avalias a tua participação nesta escolha?
4. Como tu te sentes por colocar o(a) filho(a) na creche?
5. Como que tu imaginas que será a tua rotina com a entrada do bebê na creche?

**VIII. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?**

Obs: Entrevista construída com base nas entrevistas: GIDEP/NUDIF (2003a, 2003b, 2006) por Scheila Becker, Gabriela Dal Forno Martins, Marília Reginato Gabriel e Cesar Augusto Piccinini.

**ANEXO E**  
**ENTREVISTA SOBRE A PATERNIDADE**  
 (Projeto CRESCI; NUDIF – UFRGS, 2011)

**I. Eu gostaria que tu me falasses sobre o teu dia-a-dia com a criança.**

*(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...*

1. Como tu descreverias o jeito do teu filho hoje? Como é lidar com ele?
2. Era como tu imaginavas? *(se não era)* O que está diferente?
3. Tu sentes que consegue entender o que a *(criança)* expressa?
4. Como está o desenvolvimento/crescimento do teu filho?
5. De maneira geral, que tarefas tu consideras importantes no dia-a-dia com uma criança?
6. Pensando agora nas tarefas que tu tens assumido com relação à criança:
  - a) *Que coisas tu mais gostas de fazer com ele? Por quê?*
  - b) *Que coisas tu menos gostas de fazer com ele? Por quê?*
7. O que tu achas que mais agrada ao teu filho quando ele está contigo? Por quê?
8. E o que mais desagrada ao teu filho quando ele está contigo? Por quê?
9. Como tu lidas com a tua rotina pessoal e a rotina como pai?
10. Pensando agora na rotina do teu filho, vou te fazer algumas perguntas sobre o que ele faz e com quem ele fica ao longo de um dia típico da semana.

a) *Quem são as pessoas que cuidam da criança durante a manhã (até meio-dia) e quantas horas essas pessoas passam com a criança? O que essas pessoas costumam fazer com a criança neste período?*

Cuidador	Tempo com o bebê (horas)	Atividades
( ) mãe		
( ) pai		
( ) irmão(s)		
( ) parentes		
( ) outros (não incluir creche)		

b) *Quem são as pessoas que cuidam da criança durante a tarde (até as 18 horas) e quantas horas essas pessoas passam com a criança? O que essas pessoas costumam fazer com a criança neste período?*

Cuidador	Tempo com o bebê (horas)	Atividades
( ) mãe		
( ) pai		
( ) irmão(s)		
( ) parentes		
( ) outros (não incluir creche)		

c) *Quem são as pessoas que cuidam da criança durante a noite e quantas horas essas pessoas passam com a criança? O que essas pessoas costumam fazer com a criança neste período?*

Cuidador	Tempo com o bebê (horas)	Atividades
( ) mãe		
( ) pai		
( ) irmão(s)		
( ) parentes		
( ) outros (não incluir creche)		

11. A rotina da criança muda no final de semana? Se muda, tu poderias me contar como é a rotina do teu filho neste período? (*Explorar mesmos tópicos da questão anterior*)

**II. Eu gostaria que tu me falasses um pouco sobre como está sendo a experiência de ser pai.**

**(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...**

1. Como tu estás te sentindo como pai neste momento?
2. Tu imaginavas que seria assim?
3. Tu estás tendo alguma dificuldade?
4. Como tu te descreverias como pai nesse momento?
5. Tu pensas em alguém como modelo de pai? Quem seria?
6. Como ele é/era como pai?
7. Tu evitas algum modelo de pai que tu já conheceste?
8. E o teu pai, como tu imaginas que ele era contigo? O que tu lembras?
9. O teu jeito de cuidar do/a (*nome da criança*) é parecido ou diferente do dele?
10. E a tua mãe, como tu imaginas que ela era contigo? O que tu lembras?
11. O teu jeito de cuidar do/a (*nome*) é parecido ou diferente do dela?

**III. Eu gostaria que tu me falasses como tu estás vendo a tua companheira como mãe.**

**(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...**

1. Como tu achas que ela está sendo como mãe? Esta sendo como tu imaginavas?
2. Ela solicita a tua ajuda nos cuidados com a criança? Como? (*em caso negativo*) Tu pedes para ajudar nos cuidados com a criança? Como é para ti pedir essa ajuda?
3. Como tu avalia a ajuda que tu prestas a ela?
4. Como imaginas que ela te vê como pai?
5. Em geral, como tu estas vendo o relacionamento do casal neste momento?

**IV. Eu gostaria de conversar contigo sobre algumas situações que acontecem no teu dia-a-dia com o (nome da criança), em que ele faz coisas que te incomodam e que tu achas difícil de lidar. Todos os pais passam por esse tipo de situação com os filhos e muitas vezes é difícil encontrar o melhor jeito de lidar com isso.**

1. Para alguns pais a hora da refeição é um momento difícil porque a criança se recusa a comer.
  - a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
2. Outra situação comum entre as crianças é não querer vestir a roupa.
  - a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
3. Às vezes já esta na hora de sair de casa para algum compromisso (ex: creche, casa de familiares) e a criança não quer ir.
  - a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
4. Uma outra situação difícil é quando a criança se recusa a dormir, quando já está na hora.
  - a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?



5. Para alguns pais a hora do banho é um momento difícil porque a criança muitas vezes não quer tomar banho.
- a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
6. Outro comportamento possível das crianças é ignorar o *não* que recebem do pai. Por exemplo, o pai pede para a criança não mexer em algum lugar, e ela continua.
- a) Tu já tiveste este problema com o (nome da criança)? Como foi?  
(*Se já aconteceu:*) O que tu fizeste? Tu tiveste que fazer mais alguma coisa?  
(*Se não aconteceu:*) O que tu farias se isso acontecesse? Tu achas que terias que fazer mais alguma coisa?
7. Além destas situações que mencionei, tem mais alguma que tu lembras e que tu achas difícil de lidar com o (nome da criança). (Explorar conforme as questões anteriores)

**V. Eu gostaria que tu me falasses se outras pessoas ajudam a cuidar da criança.**

(*Caso não tenha mencionado:*) **tu poderias me falar um pouco mais sobre...**

1. Desde a última entrevista, quantas pessoas diferentes ajudaram a cuidar da criança? Essas pessoas mudaram ao longo do tempo? (ex: trocou de babá, de educadora)  
(*Se os pais modificaram o tipo de cuidado alternativo - ex: contrataram uma babá, colocaram o bebê na creche, passaram a deixar com a avó.*)
  - a) Porque vocês escolheram esta forma de cuidado para o/a (nome)?
  - b) O que levaram em conta para isto (ex. proximidade, fator financeiro, estímulo emocional ou cognitivo, etc)?
  - c) Tu percebeste alguma mudança no comportamento do/a (nome) quando ele passou a ser cuidado por esta(s) pessoa(s)?
2. Tu achas que este tipo de cuidado tem acrescentado algo na vida do teu filho? O que?
3. Das habilidades que a criança adquiriu nesses últimos seis meses, tu atribui alguma delas a este tipo de cuidado?
4. Mudou alguma coisa na tua relação com a criança depois que ele passou a receber este tipo de cuidado?

**VI. Agora, vamos conversar sobre como que está sendo a relação com a creche:**

1. Como está a tua rotina com a criança na creche? (explorar: buscar, levar, festas e reuniões)
2. Como tu avalias a tua participação na creche?
3. De que atividades tu tens participado?
4. Como tu avalias a creche que a criança frequenta? Tu poderias citar algumas características da creche que contribuem para sua avaliação?
5. O que tu mais gostas? O que te desagrada? Tu achas que algo poderia ser diferente?
6. Quem é a pessoa que a creche se dirige em primeiro lugar?
7. Como tu avalias a comunicação entre você e as educadoras?
8. Sobre o que vocês costumam conversar?
9. (*Se o pai não tem contato direto com a creche*) Como tu tens acesso ao o que o teu filho tem feito durante o período que passa na creche?
10. Qual é a tua disponibilidade para possíveis contatos que a creche solicita?

**VII. Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?** Obs: Entrevista construída com base nas entrevistas: GIDEP/NUDIF (2003a, 2003b, 2006) por Scheila Becker, Gabriela Dal Forno Martins, Marília Reginato Gabriel e Cesar Augusto Piccinini.

## ANEXO F



### Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2600 - CIP 91035-003 Porto Alegre RS Tel.: Fax (51) 3316-5966

## COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

### PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2010070

Título do Projeto:

*Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança.*

Pesquisador(es):

Cesar Augusto Piccinini – Pesquisadora Responsável  
Rita de Cassia Sobreira lopes  
Tânia Mara Sperb  
Schila Machado da Silveira Becker  
Gabriela Dal Forno Martins

O projeto atende aos requisitos necessários. Está aprovado pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 06/12/2011, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 06/12/2010.

  
Comitê de Ética em Pesquisa  
Registro 25000.089325/2006-58  
Instituto de Psicologia - UFRGS

## ANEXO G



### HCPA - HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE GRUPO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

#### COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

A Comissão Científica e a Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde, que é reconhecida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/MS como Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA e pelo Office For Human Research Protections (OHRP)/USDHHS, como Institutional Review Board (IRB00000921) analisaram o projeto:

**Projeto:** 100553

**Versão do Projeto:** 25/11/2010

**Versão do TCLE:** 10/02/2011

**Pesquisadores:**

RITA DE CÁSSIA SOBREIRA LOPES

TANIA MARA SPERR

GABRIELA DAL FORNO MARTINS

SCHÉILA MACHADO DA SILVEIRA BECKER

CESAR AUGUSTO PICCININI

**Título:** Impacto da creche no desenvolvimento sócio-emocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do primeiro ao segundo ano de vida da criança

Este projeto foi APROVADO em seus aspectos éticos e metodológicos, bem como o respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as diretrizes e normas nacionais e internacionais de pesquisa clínica, especialmente as Resoluções 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde.

- Os membros da Comissão Científica e da Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde não participaram do processo de avaliação dos projetos nos quais constam como pesquisadores.
- Toda e qualquer alteração do projeto, assim como os eventos adversos graves, deverão ser comunicados imediatamente ao CEP/HCPA.
- O pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais de acompanhamento e relatório final ao CEP/HCPA.
- Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual conste o carimbo de aprovação do HCPA/GPPG.

Porto Alegre, 18 de fevereiro de 2011.

  
Prof. Nadine Clausell  
Coordenadora GPPG e CEP/HCPA